

## Um vereador da Câmara Municipal reincide no odioso imposto das janelas

De quando em vez aparece um deputado ou um vereador com uma ideia luminosa. Mas em regra a luminosa ideia caira-se em arrancar dinheiro, mais dinheiro à bolsa do contribuinte. E' curioso que não nos lembra de ver surgir um desses protectores do povo lutando por aliviar o contribuinte.

Esta vez é um vereador da Câmara Municipal que, sentindo a necessidade de obter dinheiro, muito dinheiro para aquele organismo se lembra de lançar sobre todos nós uma contribuição a que deu o nome pomposo de *Imposto da cidade para a cidade*.

E' para beneficiar a cidade que essa contribuição se lança, diz o autor da proposta, o sr. Almeida Santos. Mas este é o argumento que se evoca sempre que se deseja apanhar dinheiro ao povo. E' sempre para beneficio da colectividade...

O sr. Almeida Santos foi dum grande infelicidade na sua proposta, visto que pretende ressuscitar um dos mais odiosos géneros de imposto. Logo no artigo 1.º resa assim a proposta:

Artigo 1.º — Os habitantes da cidade pagarão por uma só vez, por cada janela que deite para a via pública da casa que habitem, a quantia de esc. 1500.

Este artigo 1.º da proposta define a estreita mentalidade do proponente. Ele não sabe que odiosa é, perante o espirito do povo, essa contribuição afrontosa sobre as janelas que cada um possui nesta terra onde se asfixia, onde as casas são gaiolas, jaulas soturnas.

E' sobre o povo, o eterno explorado, que as contribuições e impostos sempre recaem.

O comércio e a indústria, como

diz o *Diário de Notícias*, interpretando o espirito da proposta, estão carregados de impostos e nada podem pagar. Que pague o povo, portanto, que é rico.

Neste país empobrecido e roubado a única entidade que não pode pagar impostos é o povo. O comércio e a indústria por muito sobrecarregados que estejam sempre estão mais habilitados a pagar.

E para que deseja o sr. Almeida Santos tanto dinheiro, muito dinheiro arrancado a uma cidade que vive na miséria?

Para mandar construir um edificio municipal em cada bairro para pomposa instalação de todos os serviços públicos.

Julgavam os leitores que se tratava da construção de casas baratas para o povo habitar?

Não, o povo não precisa de casas. Quem delas precisa é a legião de afilhados políticos que já não cabe no vasto edificio do largo do Pelourinho. O povo que continue vivendo em casas insalubres, sem conforto, sem ar, nem luz. O que é necessário é arranjar edificios para a Câmara.

Além dos edificios municipais que não são de urgente necessidade, promete a proposta água, canalizações modernas de esgotos e iluminação e a execução de todos—que generosidade!—os projectados e reclamados melhoramentos locais, nele incluindo os reparos condignos e unidades constantes aos arruamentos da cidade.

Ora tanta fartura, tanta promessa faz-nos desconfiar. Se eles promettessem pouco e não nos quisessem arrancar tanto dinheiro, talvez nós com algum esforço os acreditássemos...

### A MORAL DÉLES...

## Desvia-se dinheiro dum hospital para tornar espectaculosas as procissões de Faro!

O *Noticias do Algarve*, órgão dos criangolões e dos velhotes da Juventude Monárquica Conservadora, de Faro, no intuito desesperado de defender uma procissão que houve naquela cidade, atira-se ao correspondente da *Batalha* acusando-o de ter mentido só pelo facto de não agradarem às conveniências reacçãoárias lá da terra as verdades aqui publicadas.

O órgão em questão diz que não foi a Mesa da Misericórdia quem sofreu o prejuizo causado pelo facto de não terem aparecido compradores para os balandraus que elle mandou fazer mas sim o beato Manuel Urbano Alves. Foi a Mesa—e não o Urbano Alves.

O *Noticias do Algarve* nega o facto a fim de que o ministério do Trabalho não saiba que a verba com que auxilia o hospital é desviada para as mirabolantes e ridiculas procissões religiosas.

Diz também que o homem que a procissão conduzia as matracas não ia embriagado. Ia, sim, senhor. Por sinal que ao chegar a procissão à rua do Compromisso, entregou as matracas a um garoto e foi decililar para uma taberna existente naquela artéria pública. O jornal em questão omitiu o nome do homem das matracas, por toda a gente saber em Faro que elle bebe vinho de maneira a raro andar em estado de lucidez. O «Albano do Peixe» é um bêbado público e notório.

Seria preferível que o *Noticias do Algarve* se conservasse muito caladinho, principalmente neste caso dos 200 balandraus mandados fazer com o dinheiro pertencente ao hospital—desvio êste de fundos que é, além dum acto de desumanidade, uma acção que carece de dignidade.

O *Noticias do Algarve* suporá que nós temos a credulidade dos beocios?...

## A negociação da paz no Riff

RABAT, 19.—Os delegados franceses e espanhóis encontraram-se com os negociadores rifenhos da paz, ontem pelas 10 horas da manhã, no campo de Berteaux, ao norte de Taourirt, prolongando-se as conversações até às 18 horas.

Os delegados rifenhos pediram que lhes fôsse permitido comunicar com o Riff afim de estabelecerem mais firmemente certos pontos das suas instruções.

Um avião foi imediatamente pôsto à sua disposição, a fim de apressar a consulta e o regresso, nelle tomando lugar o caid Hadon, que esta manhã partiu para o Riff.

Prevê-se que a próxima reunião da conferência da paz se realize na quinta feira,

## A sementeira de ódios feita por Norton de Matos, agora indigitado para Alto Comissário

São decorridos bons oito anos que viu a luz da publicidade o jornal *A Verdade*, a que nos referimos no último artigo.

Como era relativamente diminuta a tiragem daquele órgão e o periodo decorrido desde a sua publicação é considerável, é natural que alguém se julgue com o direito de duvidar do que aludimos acerca do que aquele jornal publicou.

A *Batalha* não tem balança para fazer *jornalismo de balcão* nem de *chantage* e porisso a ninguém dá o direito de duvidar do que publica. Não oculta bandalheiras de facção politica afeiçoada porque a não tem, não se devendo pretender, por consequência, que se torna severa para *afonsistas* ou *almeidistas*, pois todos são adversários.

Desde longos anos, desde que apareceu à luz o seu primeiro número, *A Batalha* tem-se mantido firme, occupando com de notório estico o seu propugnaculo no campo da luta, defendendo estritamente os interesses de todas as classes produtoras. Não poucas vezes tem afirmado nas suas colunas que não tem politica e declarado francamente que age numa esfera de acção totalmente oposta à *porca* de B. Pinheiro.

Jornal doutrinário, de operários e só para a causa deles vivendo, cumpre a missão de pugnar com energia pelos interesses e observância dos direitos de todos os trabalhadores, chamando-os ao cumprimento dos seus deveres, organizando-os e educando-os para um fim comum, altamente humano, equitativo e verdadeiramente social.

A ambição e desmedido egoismo do Comércio, agrícola, industrial e bancário—as falcatruas sem numero, os roubos sucessivos, os escândalos injustos, as frequentes monstruosidades, violências, assassinações, hediondos crimes, uns perpetrados pela autoridade, outros por aqueles que, pela sua posição social e recursos financeiros, se inibem de responsabilidade criminal; o Estado com a sua numerosa e complicada engrenagem politico-burocrática, sobrecarregando os povos com onerosas contribuições e impostos, expropriando o pequeno proprietário e reduzindo à miséria as populações que diz administrar, a tal pretexto exigindo a manutenção da força armada e da numerosissima seita estatal-parasitaria; as revoltas politicas umas após outras, todas com o unico fim de conquistar as cadeiras do poder, disputando, à força de canhão, os cofres do Estado, onde repousa metalizada a miséria pública, nada importando aos dirigentes das revoltas que para os seus criminosos fins vingarem tenham de bombardear uma cidade, incendiar aldeias e saquear vilas; os parlamentos, diabolicas forjas vomitando leis iníquas, perniciosas e assassinas; povos durante séculos submetidos ao despotismo dos seus donadores, que a pretexto de os chamarem ao vasto campo da civilização e invocando a religião, patriotismo e amor filantrópico, os roubam, violam, torturam e matam—tudo *A Batalha* vê e sente, a quem e além fronteiras, desde Portugal à Neerlanda, desde a Europa à Africa, condenando todas as anomalias sociais, abraçando o espanhol e o alemão, o monarca e o finlandês, o português e o esquimau, o branco e o vermelho, o amarelo e o preto.

A pátria de *A Batalha* não é a do *geógrafo politico, industrial e bancario*; é a pátria-Terra do sábio geógrafo Reclus; a instrução e politica é a de Kropotkin; Ferrer e tantos outros mártires da Liberdade. Aquele não há patriotismo; a religião é o ateísmo e o odio de raça é a fraternidade universal.

Como poderia, pois, *A Batalha* deixar de se interessar pelos milhões de escravos dos continentes negros, que têm feito todos os sacrificios, inclusive a própria vida, para sustentar vaidades estultas e luxos depravados?

Mas continuemos. Vamos ler parte do aludido em três colunas do jornal a que nos referimos, que fielmente transcrevemos:

«Certamente não é a politica actual que se revela odienta e raivosamente na obstinação pensada, sistemática e desviada de aniquilar, pela violência e pela extorsão, a raça africana, de a reduzir à ultima expressão, de fazer dela uma legião de escravos, inconsciente, ignara e pelintra, que poderá salvar a colónia dum formidável derrocado; e só por irreflexão é que pode acreditar-se que semelhante solução do grave e múltiplo problema do desenvolvimento de Angola irá prestigiar a obra de colonização

cesso ruidoso e escandaloso, em que o conselheiro Magalhães procurou vencer (e para isso se valeu de quantas poderosas influencias podia dispor, e não foram poucas as que se movimentaram nesse sentido) e não foram poucas as infâmias cometidas pelo conselheiro para ver se triunfava) e em que foi afinal condenado por unanimidade por doze consciências de juizes austeros, no Supremo Tribunal Federal, brasileiro, ficando provado exuberantemente (são termos do juiz relator) tudo quanto o Centro Republicano Português disse contra o conselheiro Magalhães; depois, deste processo, em que o conselheiro apparece incursu nas penalidades do Código Criminal Português, no crime de concussão, e visivelmente para dar uma satisfação ás autoridades brasileiras, ordena o sr. Vasco Borges, companheiro do sr. António Maria da Silva, uma sindicância aos actos do famoso conselheiro, presidida—oh irrisão!—pelo colega Eduardo de Carvalho, ex-conselheiro de Portugal em Boston. Convençada a colónia desta sindicância, com o C. R. P. à frente, de que esta sindicância é uma farsa com que se pretende escarnecer dos portugueses, resolveu fazer ouvir um protesto retumbante e convocou a colónia para uma reunião em um teatro, reunião que seria no passado dia 28 de Março p. p. E' então que surge a acção do governo do sr. António Maria da Silva, protector de ladrões. Movimentam-se o conselheiro Magalhães e o embaixador Leite e pedem a intervenção do governo português que imediatamente, com uma solicitude que faz pasmar, satisfizesse a afiliva súplica dos dois parasitas do povo e, não só é prohibida a reunião da colónia, como reduzidos os portugueses ao mais

de Portugal em Africa, perante a opinião do país e dos estrangeiros.

De todos os grupelhos politicos que sob a égide da República têm imperado em Portugal há 10 anos, nenhum como o grupelho democrático, desviado pela estulta vaidade do mando, cego pela paixão do predomínio, tão feroz se mostra, integrado em semelhante politica, com que até certos correligionários, criaturas boas, inteligentes, honestas que há nesse grupelho e em situação de destaque, não concordam. Por exemplo: o sr. Amaral Reis, com a autoridade do seu alto cargo, com a responsabilidade da sua elevada posição official, discursando em Malange, entre os aplausos gerais, revelou-se contra tal politica afirmando a necessidade da protecção ao indígena, ao mesmo passo que confirmava o que já tinha dito nesta cidade, quando da sua posse: «que não queria nem faria politica partidária, porque a unica politica que advogaria durante o seu governo, por a julgar consentânea com os interesses da Pátria e de Angola, seria a politica grande do trabalho».

Nesta politica, terminou pedindo a cooperação de europeus e africanos. Mas toda a gente sabe, toda a gente vê que a politica seguida, dentro dos bastidores officiais e fora deles, pelos seus correligionários, cuja cegueira desprestigia a Pátria e desacredita o seu governo, não é a politica da concórdia, a politica da ordem, a politica do trabalho, que o sr. Amaral Reis pregou e certamente pregará ainda. E' certo que sua ex.ª não tem culpa nisso, mas a opinião pública que sempre avisa, ainda, embora late tarde, é que não se convenceu desde essa hora, e os factos confirmam as suas previsões de que as palavras do sr. Governador Geral não passariam de palavras em face do caracter eminentemente incorrigível e irrequieto dos seus correligionários—mudar de processos, ser-lhes-ia isso tão impossível, como a um lobo converter-se em guarda fiel dum rebanho.

\*\*\*

Desde o consulado do sr. Norton de Matos, que governou esta infeliz colónia como um régulo, como um rajah, torvo, odioso e sanguinario, os democráticos, quando se apanham no poleiro, não se cansam de nos criar, fartamente, pela extorsão e pelo arbitrio as situações mais afrontosas, o desasossegado mais revoltante. Mas, não é menos verdade, também, que por esse facto, constituem o grupo que por al galopar às cegas no desagrado do povo, que contra elles alimenta já um ressentimento muito proximo do rancor. Em toda a Africa portuguesa não se encontra, hoje, quem dos africanos inteligentes, honestos e trabalhadores não se insurja contra a forma como os democráticos procuram colocar-nos fora da lei e não ser o reduzido bando de bandidos e bandidoleiros que aviltam uma raça na força máxima da sua impoluta dignidade, e nas ultimas eleições não hesitaram em jogar os destinos da sua própria terra e dos seus, em troca duma migalha ou de algum favor.

E porquê? Na ansia insaciável dum predomínio politico e social absoluto, para o qual não têm capacidade nem intelligencia, em impetos desviados de verdadeiros sicários, nunca occuparam o poder senão com a preocupação de fazer da Colónia um logradouro deles e dos seus famulos. Para aniquilar a raça africana, para embargar-lhe o desenvolvimento, que amanhã a tornará temerosa e robusta, como obstáculo activo e poderoso à pratica livre dos seus crimes e dos seus desvarios, criaram-lhe a situação inaceitável, inconstitucional e miserável para a qual a impurram a Carta Orgânica de Vilhena, o regime de concessões de terrenos do Estado do Padre João, o recrutamento militar de Massano de Amorim—S. J. C.»

Aí fica leve, superficialmente descrita a acção civilizadora, administração e politica dos incompetentes e ferozes dominadores que enriquecem à custa da miséria e todos os sacrificios dos pobres pretos, forçados a darem a sua terra, a casa, o corpo e a vida—saqueados, prostituídos, torturados e vendidos às legiões para os acouques dos roedores de São Tomé e Príncipe!

E' em nome da Santa Pátria e da Civilização! E' em nome do Deus que os antropolhemófagos amam!

Correia de SOUSA

absoluto silencio sobre o caso do conselheiro, sendo-lhes terminantemente prohibido levantar a mais leve queixa, aqui, contra as diatribes dos seus titulares!

A isto estão reduzidos os portugueses de São Paulo, essa colónia cujo patriotismo a tem levado a extremos de generosidade para com a mãe pátria, repentinamente tornada madrastra.

Esses nossos governantes não sabem o que fazem. Eles são verdadeira e simplesmente «protectores de ladrões».

São Paulo, 2 de Abril de 1926.

Gonçalves PARATUDO

Secretário do C. R. P.

## O desinteresse dos E. U.

GENEVE, 19.—Em resposta a um convite que foi dirigido à S. D. N. os Estados Unidos declararam que acham inoportuno enviar uma delegação para assistir à Conferência que há de discutir a sua adesão ao tribunal permanente de justiça internacional.

## Um atentado misterioso

VARSOVIA.—Na ocasião em que o sr. Linde, antigo director da Caixa Postal Económica, acusado de prevaricação, voltava do tribunal de Varsovia, que tinha adiado a sentença para a próxima segunda feira e regressava a casa a pé e sem escolta, foi de repente morto com um tiro de revólver por um tal Omelicki. Este foi immediatamente preso pela policia e encarcerado. Ignora-se a causa deste assassinio incompreensível.

## Como foi recebido na cidade de Coimbra o Messias Cunha Leal

O novo Messias anda em propaganda por esse país. Tem percorrido várias cidades e por onde passa deixa cair na terra fecunda uma semente da sua politica. Há dias foi a Coimbra, à cidade universitária. E Coimbra recebeu-o com galas e honrarias, de cujo valor se pode fazer uma pequena ideia pela transcrição de alguns trechos de um manifesto editado pelo «Grupo Universitário dos Camisas Negras».

Passamos a transcrever os citados trechos do grande manifesto que se distribuiu na ocasião da chegada do sr. Cunha Leal a Coimbra:

«Há momentos em que qualquer que seja a attitude do corpo a alma está de joelhos... Com estas palavras exprime o grande Hugo o deslumbramento do primeiro amor e não há frase que melhor traduza o estado de nossas almas ao sabermos da vinda de S. Ex.ª o sr. Cunha Leal a Coimbra, na cruzada que anda pregando da salvação da pátria.

Sentimo-nos — admiradores incondicionais que somos do seu génio — como os namorados ante suas belas, fascinados, em êxtase, com místicas alucinações e arrebatos celestiais.

E' então certo? Vamos tê-lo em carne e osso em Coimbra? E as pedras das calçadas não se levantam como sob o impulso dum abalo scismico para se transformarem em flores e O cobrirem dum manto primaveril? E o Mondego não pára, não se queda, represo, para inundar a Baixa num lago bíblico de leite e mel? E a velha Torre da Universidade não se arranca dos fundamentos para ir com a cabra, o cabreiro e os demais sinos saudá-lo à Estação Velha quando o comboio desembocar da ponte?

O clero, a nobreza e o povo não se reúnem já para delegarem embaixadas que desde Lisboa acompanhem o *Salvador da Pátria* entre cânticos de louvor e incensos votivos?

«Mas então já não há alma em Coimbra? Os poetas não afinam as líras? Os poetas não afinam as líras e não preparam os apitos para os tangerem como frutais pastores à passagem do *Prêcepe*? E a Urso Maior ainda não demonstrou desejos de descer à Terra para beijar S. Ex.ª na fronte?

Que horror! Salvemos a honra de Coimbra! Sejamos os primeiros a dar o grito de: Alerta que S. Ex.ª aí vem!

Despertemos os apáticos, acordemos os que dormem, enchamos Coimbra de léas a léas com os nossos hossanas ao *Rabi do Alcaide*. Demonstrémos que ainda há peitos generosos em que os grandes sentimentos se abrigam, em que a vil inveja não medra, onde firmar-se como um pedestal glorioso a figura imarcescível do *Herói Nacional*.

E' que ainda nós soam aos ouvidos, em música celeste, as palavras enérgicas, fortes como trovões, flamejantes como gládios de arcajos, com que S. Ex.ª prometeu, do alto da tribuna do Teatro Nacional, salvar a Pátria brevemente: — *Hei de salvar a pátria... Hei de salvar a pátria... Hei de salvar a pátria!*...

Nós somos os Lázaros pecadores, que aos Teus pés, contritos, afirmamos desejar a Tua benção e um ar da Tua Graça que nos purifique para sempre. Nós somos dos que acreditam na Tua palavra de honra; temos a fé cega dos verdadeiros crentes e, se Tu no-lo disseres uma só vez que seja, acreditamos que o Banco Ultramarino é o Calvário onde fôste morrer por nossos pecados, ou a caverna onde—novo *Profeta Daniel*—afrontaste os leões da Finança para os transformares em cachorrinhos que te lambem as mãos.

Nós conhecemos a história do Teu martírio, a sublime ascensão do Teu espirito para a verdade eterna, conseguida à custa de muitas mortificações da carne, que Tu despresas e cilicias como é público e notório. Ao pé dos Teus jejuns e macerações, e que é da glória de Papus e da tradicional resistência dos camelos do Deserto?

Sim, *Senhor Supremo*! E que és tu senão um sublime camelo, que, através do deserto das privações inumanas, roendo o cardo ingrato e calcando a areia adusta, nos vens trazer sobre a corcova gloriosa os sagrados papiros em que aprenderemos o segredo da Vida e da Morte.

«Não és também Tu quem, pela noite morta, com pé seguro e ligeiro experimentas as nossas portas para Te certificares de que o nosso sono decorre tranquilo sob a Tua vigilância infatigável e gratuita?

Que seria da Moral e da Honra neste país de ladrões e fargantes, se Tu as não tivesses guardado a sete chaves e em tão recondito sítio que só os Teus fiéis sabem onde as escondes?

Nós sabemos que há em Coimbra homens — merecem esse nome? — que têm da virtude uma noção arcaica e terra-a-terra, que não são capazes de tirar aos outros nem sequer o ar que respiram; mas que são tão

estúpidos que nunca dirigiram o *Século* por amor do povo, para mais com o sacrificio, que tu fizeste, de aceitar por isso alguns contos de reis.

Assim, como tudo está cumprido, só nos dói a vulgaridade pelintra da pena com que escrevemos a tinta barata estas pobres linhas. Era em oiro, em fino oiro de lei, que os nossos corações inflamados desejariam expressar-te a riqueza dos nossos sentimentos. Só o oiro, só esse nobre e scintillante metal é digno do Teu génio excoelso só ele, na verdade, não desmerecerá de aurea fama que te cerca».

E o manifesto que, como se vê, fecha com chave de oiro, inclui a seguir cópia de alguns telegramas de diversos personagens históricos que exprimem o desejo de se filiarem na União Liberal Republicana. Entre os pretendentes figuram Napoleão, Júlio César, Judas Iscariote, Mahomet, Carlos Magno, etc.

Vejam-se por exemplo este telegrama do bíblico Noé:

«Sigo Portugal na Arca. Minha adesão ideal de V. Ex.ª—Noé».

E este do Infante D. Henrique:

«Tenho prazer ter iniciado navegações tornaram possível honrosa vice-presidência V. Ex.ª Banco Ultramarino. — Infante D. Henrique».

E o telegrama de Napoleão:

«Cunha, alista-me soldado raso. — Napoleão».

E' com este modesto desejo de Napoleão timidamente expresso ante a grandesa de Cunha Leal que termina o manifesto, que é das mais interessantes peças literárias destes últimos tempos.

## Para que «A Batalha» viva e progrida

A ideia que há dias nos deu motivo para uma local assim epigrafada vai ecoando no espirito dos nossos mais dedicados camaradas. E' com desvanecimento que hoje publicamos a seguinte carta que nos enviou um recluso da Penitenciária, infortunado camarada nosso a quem o ambiente prisional não obliterou o bom sentimento da solidariedade:

*Presado camarada director.* — Li em *A Batalha* de 4 de Abril passado e com a epigrafe acima, a carta do nosso camarada José Fortunato Coelho Torres, com uma iniciativa simpática à qual correspondo por ver nela a forma de o nosso jornal poder continuar as suas campanhas moralizadoras e em prol dum sociedade melhor, sem receio de perecer na luta.

Também eu vos remeto 5000, correspondentes à cota mensal de 2500 com que me propuz contribuir e referentes a Abril e Maio, cota com que poderéis contar enquanto me permitir a minha situação económica. Oxalá que assim o compreendam muitos dos fervorosos leitores de *A Batalha*. Os 2500 que pouco representam na actualidade, serão, no conjunto, o suficiente para que o paladino dos trabalhadores seja em breve o mais forte baluarte na imprensa. Sauda-vos o invosso e da causa—Abílio Jaime Barreiro, recluso n.º 342, ala D Cadeia Nacional.

## Um julgamento importante

PARIS, 19.—Foi hoje iniciado no Tribunal da Sena o julgamento dos implicados na fusilaria da rua Damramont, onde quatro membros da Juventude Patriótica foram mortos pelos comunistas—L.

### CONFERÊNCIAS

## «Doutrinas politico-sociais em Portugal»

A conferência que o sr. dr. José de Magalhães hoje devia realizar na Universidade de Popular Portuguesa, sob o tema «Doutrinas politico-sociais em Portugal», ficou adiada para quando se anunciar.

## Acontecimentos em Macau

Informam-nos da Arcada:

«O governador de Macau telegrafou ao ministro das Colónias, comunicando-lhe que há cerca de um mês um grupo de grevistas chineses armados têm estado postados na zona neutra norte, da Porta do Cárco, junto da fronteira, provocando os soldados portugueses e dificultando a entrada em Macau de géneros e pessoas, tendo chegado a construir um aqueducto a distância de 150 metros da fronteira. Contra esta situação têm o referido governador formulado repetidos protestos ao governo de Cantão, situação que tem provocado vários incidentes que tem procurado não agravar, aguardando as providências do governo de Cantão. Informa mais que anteontem de manhã foi pelos grevistas aberto fogo sobre os soldados portugueses, tendo ferido um soldado e uma mulher chinesa que estava dentro de Macau, tendo os soldados ripostado, sendo provável que tenham ficado alguns grevistas mortos e outros feridos. O referido governador formulou novo protesto junto do governo de Cantão, afirmando-lhe que jamais consentiria a violação da soberania portuguesa e que atribuía as responsabilidades ao mesmo governo pelos factos ocorridos ou que venham a ocorrer em consequência de não serem tomadas as providências pedidas, acrescentando que o nosso conselheiro em Cantão se encontra ausente com licen-



## Os comerciantes de Sintra contra o horário de trabalho

SINTRA, 19.—Os comerciantes desta vila não descansam no seu combate ao horário de trabalho. Sempre que se lhes propõe um ensaio eles provam bem o seu desprêzo pela lei que regula a jornada de trabalho. E tanto assim é que agora, a propósito da mudança da hora, os referidos comerciantes resolveram abrir os estabelecimentos às 8 horas e encerrá-los às 21 horas, obrigando os pobres empregados a permanecerem nos lugares de trabalho 13 horas.

A pesar de iníqua esta medida, os comerciantes, de harmonia com as resoluções tomadas há dias numa reunião à porta fechada, vão modificar, em sentido pior, o horário de trabalho. Como? Abrindo os estabelecimentos às 8 horas e fechando-os às 22 horas, isto a pretexto de se aproximar o verão e nesta estação a população de Sintra aumentar.

Ora é bom que se não esqueça que a lei proíbe que o empregado trabalhe mais de 8 horas, ou que permaneça nos estabelecimentos mais de 5 horas seguidas.

Como em Sintra tal não se respeita e o empregado trabalha 10, 12 e mais horas sem ser remunerado pelas horas suplementares, uma pergunta nos ocorre: não conhecerão as autoridades de Sintra uma lei que estabeleça em 8 horas a jornada de trabalho? Não conhecerão também as autoridades que para os contraventores da lei referida há penalidades? Ou saberão apenas que existem penalidades para serem aplicadas aos pequenos?

Talvez por reconhecerem que as autoridades pouca importância ligam a estas coisas é que os comerciantes se permitem desrespeitar o horário, como acabamos de referir.

Os comerciantes desta vila, para manterem na ignorância os seus servidores, permitem-se ainda proibir aos seus empregados a leitura dos jornais que falem a verdade, dos jornais que denunciem as suas transgressões.

Ah! mas esta situação vai-se modificando porque esses empregados começam a reconhecer que terminou a escravidão.—E.

## A Federação Ferroviária e a greve de Lourenço Marques

A Comissão Executiva deste organismo entrevistou na passada semana várias entidades sobre o grave conflito de Lourenço Marques e a situação dos 10 ferroviários deportados para a Metrópole e dos 14 que foram para Moçambique, questão que o referido organismo tem vindo tratando com toda a atenção.

Espera-se a chegada a Lisboa do Alto Comissário de Moçambique para continuação dos trabalhos encetados, a fim de que justiça seja feita à classe ferroviária a quem se pretendeu cercar regalias conquistadas de há muitos anos e regresso a Lourenço Marques dos cidadãos ferroviários que vieram para a Metrópole e foram para Moçambique.

A referida Comissão não descurará de forma alguma a questão até que ela seja devidamente solucionada.

### Corticeiros de Almada

A assembleia geral dos Corticeiros de Almada, apreciando uma circular da C. G. T. referente aos grevistas de Lourenço Marques, e com a acção a dispendir com eles, resolveu enviar um telegrama de protesto ao ministro das Colónias contra todas as infâmias cometidas pelo Nêro de Moçambique, Azevedo Coutinho.

### Gráficos de Braga

Em reunião de assembleia geral da Liga das Artes Gráficas de Braga foi aprovado um protesto contra as violências exercidas pelo Alto Comissário de Moçambique contra os ferroviários de Lourenço Marques.

## MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Severn» são hoje expedidas malas postais para Pernambuco e pelo paquete «Massilia» para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da caixa geral as últimas tiragens de correspondências respectivamente às 7 e 11 horas. Também por via Marselha se expedem malas de correio para a Índia portuguesa e Macau efectuando a última tiragem às 11.30.

### Samuel Diniz

Récita festiva a de hoje no Trindade, em que Samuel Diniz interpreta o protagonista da peça «O Príncipe João».

### HOJE

#### Teatro do Ginnásio

O MAIS ESPIRITUOSO ESPECTÁCULO

**O AZ**

Triunfante êxito

PALMIRA BASTOS na estonteante

Chouquette

Encenação de Gil Ferreira

**TIVOLI**

Telef. 11. 5474

A'S 9 horas

RAQUEL MELLER

NA RONDA NOCTURNA

Cine-drama em oito partes de Pierre Benoit

TEMPESTADE DOMESTICA

Cine-comédia em seis partes

Concurso Nacional de Tiro

(A's 10 horas)

Interessantíssimo documentário

Uma cinz-farça de bonecos animados

## DESPORTOS

### FUTEBOL

Franga hoje Portugal por um significativo 4-2

Não foi feliz a representação nacional de futebol na sua primeira excursão além Pireneus. Com um desastroso resultado, precisamente igual ao alcançado no Lisboa-Madrid militar, oito dias antes realizado, a classe atlética dos jogadores portugueses patenteia flagrantemente a sua inferioridade perante os «onzos» dos vários países que defronta.

Agora, como ontem, como sempre, a nota predominante da crítica dos jogos internacionais, quer sejam com os grupos estrangeiros que nos visitam, quer ainda nas competições de representação nacional, é a de que «os nossos jogadores são fisicamente mais fracos».

Isto indica, há muito tempo, que pelo princípio e não pelo fim, mais especulativo, se deveria ter começado: *A preparação atlética dos homens que se propõem praticar o futebol!* Treinos metódicos, com direcção técnica competente e a permissão para cultivar o futebol apenas aqueles elementos que disponham de uma compleição física que lhes permita, sem prejuízo futuro, praticá-lo. Em regra os nossos jogadores desconhecem as aulas de ginástica, não se dedicam aos desportos atléticos e à natação, exercícios estes considerados como pontos primários para a formação de um bom atleta e daí o tornar-se muitas vezes ridículo, para nós, a apresentação em campo das duas equipas, em jogos desta natureza. Confiámos pouco, pelo exemplo, que a lição sofrida agora, além das muitas já sentidas, possa influir deveras para modificar os costumes inveterados. As considerações feitas no momento esquecem, os esforços e as dedicações já observadas esbocem-se de encontro à indiferença geral, e o valor da *raça* continuará a patenear-se no grande alma e no muito entusiasmo, fremente de vencer, que é de hábito por na luta, para pouco depois se aniquilar, esgotando-se perante um adversário inteligente, forte, conhecedor e que dispõe de uma compleição atlética superior.

As condições de jogo eram notórias em jogos anteriores salientando-se, a defesa fraca, dando uma tarde má. O ataque como sempre. Unido, entusiasta por vezes na construção das jogadas, mas ausência de bom remate.

E eis tudo. Afirma-se também, como digna de registo, a má e parcial arbitragem do juiz Mr. Deserius.

Como em Madrid, o adversário marcou duas bolas em cada tempo, contra uma dos nacionais nos mesmos períodos Augusto Silva e João dos Santos foram os marcadores respectivos e ambos em oportunas recargas. A França beneficiou, parece, de uma grande penalidade.

A assistência, dez mil pessoas, que prova o pouco interesse daquela gente pelo género, pois aprecia com mais entusiasmo o «rugby», aplaudiu com grande entusiasmo os seus, tendo prodigalizado aos portugueses aplausos nalgumas jogadas mais emotivas.

Lisboa jogando contra Santarém e Braga realiza 18 bolas a 6

Jogos fracos os últimos inter-cidades, sem outro interesse que não seja uma mais estreita aproximação e um conhecimento mais directo do valor representativo das duas visitantes.

Os números elevados conseguidos nos dois encontros dão grande superioridade a Lisboa. Como Santarém fez esta 10-4; contra Braga, 8-2. Das duas cidades forasteiras, a que desenvolveu melhor jogo e patenteou maior conjunto, ainda foi a do sul: Santarém.

### «Hockey» em campo

Para disputa do campeonato de «hockey» em campo, nos jogos realizados no domingo o Sporting Clube de Portugal derrotou o Portugal Foot-Ball Club, por 3 bolas a 1 e o Hockey Club de Portugal venceu o Amoreiras, por 4 bolas a 1.

### HIPISMO

Uma vitória portuguesa em Nice

Tendo começado já na passada semana o Concurso Internacional de Nice e tomando parte nele uma «equipe» portuguesa, por notícias oficiais soube-se que Helder Martins montando o cavalo «Flier» venceu o «Prix des Grands Hotels de Nice» e Ivens Ferraz montando no «Roussi» ganhou o «Prix du comtee des fêtes et des sports».

O concurso prolonga-se até ao dia 28 do corrente e de contar-se-á que mais provas hípias sejam conquistadas pela «equipe» portuguesa dando o valor dos seus componentes e das suas montadas.

### Venda de leite ao público nos Lactários Municipais

Conforme a Câmara Municipal deliberou em sessão de 15 do corrente mês, nos Lactários Municipais está aberta a inscrição de pessoas que desejem adquirir leite, cuja pureza é garantida, ao preço do mercado, isto é, dois escudos cada litro.

Os interessados deverão dirigir-se aos Lactários, cujas sedes e números são respectivamente:

1. Edifício da Voz do Operário; 2. Travessa dos Fiéis de Deus n.º 88 e 90; 3. Dentro do Jardim da Estrela; 4. Edifício do Amparo, rua da Mouraria; 5. Calçada da Tapada, 64-A; 6. Adro da Igreja de S. Sebastião da Pedreira.

O leite começará a ser fornecido no dia 1.º de Maio, só às pessoas inscritas.

### BICICLETAS

ELGIN

THOMAS

CHANDLER

RALEIGH

As melhores e mais acreditadas

marcas de bicicletas

Armando Crespo & C.ª

Rua do Crucifixo, 118 a 124

Lisboa

### Teatro Nacional

Telefone N. 3049

HOJE—A's 21 horas—HOJE

O maior êxito da actualidade

A peça de mais flagrante oportunismo

Espectáculo sensacional

A dança da meia noite

Preços

### Preços

(Incluindo todos os impostos)

Frizas 40\$00

Camarotes 40\$00

30\$00 e 20\$00

Fauteuils 10\$00

Superiores 6\$50

Geral 4\$00

Varandas 3\$00

### Instituto Policlínico da Estefânia

Largo de D. Estefânia, 6, 1.º—Telef. N. 3435

CONSULTAS PARA AS CLASSES POBRES

Corpo clínico—Boutiques:

A. de Almeida Rocha—Clínica geral—As 14 horas.

António de Carvalho—Sifilis—As 11 h.

Berta de Morais—Doenças das senhoras—As 13 h. 15 m.

Carlos Guerra—Clínica médica, doenças de coração e pulmões—As 18 h.

Domingos Dias—Doenças da boca e dentes. Protese—As 10 h.

Fernando Wadington—Raio X.

Heitor da Fonseca—Clínica médica, doenças do estômago, intestinos e fígado—As 12 h.

J. Pais Laranjeira—Doenças dos rins e vias urinárias—As 11 h.

José Salazar Carreira—Doenças das crianças, ortopedia, ginecologia e massagem médica—As 10 h. 15 m.

Pedro Roberto Chaves—Análises clínicas.

Teodomiro Almeida de Carvalho—Ginecologia, operações—As 10 h.

OPINIÕES E ALVITRES

### Mutilados e inválidos da guerra

A já debatida questão dos inválidos e mutilados da grande guerra, que para vergonha dos titulares da pasta da guerra ainda continua sem solução clara, merece, por motivos vários, que façamos um pouco de história, com o fim de esclarecer e fazer justiça às verdadeiras vítimas da formidável hecatombe em que estranhas intenções lançaram a humanidade. Eis, pois, levemente o que até à data de *estrabado e mau* há surgido em legislação.

Em 21 de Maio de 1921, num parto grave de consequências macabras, apareceu a lei 1170. Diz o que esta lei é tarefa assaz difícil, tal é a confusão de artigos e parágrafos! Por isso em 17 de Novembro de 1924 surgiu o decreto 10.099? E' tanto como isto: entrega na mão dos chefes de repartição, (a 5.ª Repartição da 2.ª D. O. Ministério da Guerra) a situação destes infelizes, devendo notar-se que nessa repartição encaixam os emboscados, e ainda, até há pouco, criaturas de política duvidosa, e quiza, inimigos dos combatentes. Desta forma, se um imprudente se republicano, embora sejam legítimas as suas pretensões, nessa Repartição já mais consegue despacho favorável. Depois, ministro que transponha o limiar do gabinete da guerra, por mais boa vontade de que vá possuído, com fim de resolver o já sedido assunto, *non presenla*, e assina tudo que imane da mesma, a pretexto de fugir a responsabilidades e de não passar por cima da repartição!

Ridículo, mas infelizmente verdadeiro. Razão por que, de repente, surge uma junta, pondo em cheque as anteriores e a classe médica. E' a célebre lei 1777, com um monstruoso apêndice, fora de toda a legislação, e o qual regula a mesma junta e tem o nome de decreto n.º 10.917.

O que esta junta fez de sombra deste decreto não pode descrever-se em poucas linhas, mas como registo, diremos que alguns inválidos, a quem lhes foi tirada por completo e outros, reduzida a invalidez, morriam, após poucos dias do parecer criminoso dos médicos que a compunham.

Maus, supinamente maus, cometeram crimes que ainda não de dar que falar, se um ministro sensato e pobre não sentir de perto o sofrimento das vítimas minorando-lhes a situação!

Inválidos e mutilados de guerra não atingem 2.000, e desses alguns apenas recebem o excesso que lhe dá a invalidez em percentagem! Eram já reformados doutas guerras que beneficiaram deste decreto 10.099. Como se inventam números fabulosos a pretexto que a junta de revisão tem que continuar?

Admitindo pois que temos 2.000 (dois mil) mutilados e inválidos temos 2% em relação ao número de mobilizados.

Mas... não era bem esta a razão destas linhas, embora o fim a atingir se assemelhe e se relacione até.

Estamos preparados para demonstrar com números e documentação as injustiças da junta a que acabamos de referir-nos e com que tão justamente o parlamento acabou! Era um organismo verinoso, de que faziam parte médicos como um célebre Salgueiro, de quem tenho ouvido referências, talvez justíssimas, que fariam corar qualquer recruta que se presse!

Afora o prazer de fazer mal, que não poderão saciar, os membros da referida junta têm os pés no ar, porque lá se lhe vai a chorona gratificação que recebiam pelos crimes cometidos.

«O dinheiro é tão bonito»... Que se defenda a barriga do cavalo do general, cuja mansidão o próprio impedido atesta, está bem, mas que se toque no gerico do almocreve não está certo... Já uma velha anedota de avoengos nos diz o mesmo.

### Um inválido da guerra

Recebemos alguns mata-borrões reclamações de a Sociedade de «O Reclame à Americana» que se destina a brindar o público que compra nas casas que se tenham inscrito em o mesmo reclame.

Os nossos agradecimentos.

### Mata-borrões

Recebemos alguns mata-borrões reclamações de a Sociedade de «O Reclame à Americana» que se destina a brindar o público que compra nas casas que se tenham inscrito em o mesmo reclame.

Os nossos agradecimentos.

### OS QUE MORREM

Júlio de Matos

Na sua residência, rua de D. Diniz, 17, patio, porta II, faleceu ontem, após doloroso sofrimento, o sr. Júlio de Matos, velho elemento republicano e empregado na Sociedade de Padarias.

O seu funeral realiza-se amanhã, pelas 13 horas, da morada acima para o cemitério de Benfica.

### EM FARO

#### Uma sessão contra o fascismo promovida pela U. S. O.

FARO, 18.—Promovida pela U. S. O. de esta cidade, realizou-se uma conferência de propaganda anti-fascista.

O conferente, dr. sr. Constantino Cuman, começou por declarar que era contrário a todas as ditaduras, não estabelecendo diferença na qualidade civil ou militar das pessoas que pretendiam escravizá-la.

Aprecia a seguir o espírito de ódio de que estava possuído o tratado de Versalhes, acentuando que o acordo de Locarno representa um recuo das ambições imperialistas. Ataca largamente o fascismo traçando a biografia de Mussolini e evocando a sua intervenção no inimiginoso atentado que vitimou Matteotti.

O orador, ao terminar, apela para as classes trabalhadoras, declarando que só da sua acção profícua e consciente pode resultar o triunfo das ideias de liberdade e de justiça, sobre as ruínas dum mundo antigo e infuque.

A sessão esteve muito concorrida, tendo as considerações do conferente sido apoiadas vivamente por todo o auditório.

### Ai! doçuras!

Todas as noites

Maria Vitória

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

### Em São Carlos

#### Rui Coelho

Com um público escasso realizou Rui Coelho o seu concerto no teatro de São Carlos, para exhibir perante os seus admiradores, pois creio que só esses lá foram, os números que em Madrid executou e que lhe valeram os mais altos êncimios.

O Lisboa indiferente a estas manifestações de arte, a que só ocorre quando o nobre moço lho ordena, deixou-se ficar em casa, talvez a pensar nos desafios de foot-ball a que assistira durante a tarde.

Não duvide Rui Coelho: se quiser que o aprecio terá de passar a fronteira, porque na nossa terra, só ubérrima para os políticos não encontra estímulo, nem ao menos a consideração que devia merecer... por cortezia.

Não foram novidade para nós as músicas tocadas neste concerto. Sobre elas nos temos pronunciado já, e nem precisa o músico, nem necessita o público que lhe repitamos o que de há muito está dito. Rui Coelho, aparte uma ou outra indecisão em fixar doutrina musical, tem grandes qualidades, não tão grandes como ele julgara, se for imodesto, mas mais, certamente, do que supõem os que andam por aí a olhá-lo de soslaio.

Neste concerto a pianista Peczenie executou, muito a seu modo, o concerto em lá maior de Chopin, tendo, fora do programa, interpretado um número de Chopin e outro de Brahms(?).

### Nogueira de BRITO

#### No Conservatório

Depois dum adiamento forçado apresentou-se ao público de Lisboa a cantora brasileira D. Antonieta de Sousa.

A sua voz de bom timbre e de boa afinação, patenteou-se em todos os números que cantou, exclusivamente de autores brasileiros. Em Portugal não abundam as boas gargantas, apontam-se as vozes dignas de ser ouvidas e quando alguma surge que saia da craveira vulgar não tarda que seja colocada entre o melhor que cantamos. E' nada mais, nada menos do que a consequência da mingoa em que nos debatemos há alguns anos.

Temos professores duma estranha dedicação, como Artur Tridade, que é por assim dizer o termo de aferição dos nossos alunos cantores, mas contra o que eles não podem lutar é com a incapacidade ou deficiência vocal num país, onde se não seguem regras que preparem as gargantas ou as preservem de tudo o que pode prejudicá-las.

Não conhecemos os recursos do Brasil neste campo, não os julgamos porém de muita magnitude, por isso, quando aparece entre nós alguém que, como D. Antonieta de Sousa, marca no «bel canto» rejubilamos, sem que aliás nos importemos com referências elogiosas que lhe tenham sido feitas em terras estrangeiras.

D. Antonieta agradou-nos em tudo o que cantou. Fê-lo com arte e sentimento, eis tudo. Por isso o seu concerto agradou-nos sem restrições. Não foram demais as palmas que ouviu.

### N. de B.

#### No Teatro Sálão Foz

Vitória Pinillos e Caballero Castillo

Ao Teatro Sálão Foz, graciosa «boite» da Calçada da Glória, arruamento a que a vereação de Lisboa ainda não se lembrou de mudar o nome, voltaram com as andorinhas chilreantes a bailarina Vitória Pinillos e o Caballero Castillo com os seus bonecos. Encheu-se a elegante sala, nem um lugar vago. Vitória Pinillos nas suas danças clássicas desenhou atitudes apropriadas, abriu em sorrisos um pouco velados, gestos de beleza, esculturando sentimento, numa exteriorização de aza.

Caballero Castillo falou com os seus companheiros de ganha-pão, com a malícia das suas interrogações e continuou a dar-nos a impressão de vida dentro daqueles corpos que as suas mãos movimentam e a sua voz torna parladores filósofos e bem dispostos. E' um ambiente agradável o que todos nós vivemos quando Castillo põe e conversar os seus bonecos, tipos pastosos, chocarrellos, que não perdem o ensejo de fazer espirito.

Tenho pelo Caballero Castillo a estima que me provocam sempre os que me falam ao coração, os que me deixam estar à vontade diante deles, esquecendo-me de que a meu lado pode estar quem me roube a atenção com qualquer mau fim, que não é divisa do público pacato que vai ao Foz.

E' uma nova terapêutica que Castillo descobriu para nos ter entreitados como crianças, atentos, de olhos fitos nos seus bonecos, até com o desejo de que nos sejam apresentados a ver se eles nos responderiam, se lhes falássemos, tão bem educados estão!

Não existe em nós subserviência, só falamos às pessoas que conhecemos, mas, palavra de honra, quando vimos, depois da exhibição dos seus bonecos (até nos custa tratá-los assim), Caballero Castillo aproximou-se de nós no salão, estivemos para lhe tirar o chapéu...

### N. de B.

Continua marcada para sexta-feira, no Apolo, a «première» nesta temporada da aparatosa peça «Os milhões do criminoso», que, apresentada em «film», ultimamente, obteve um enorme êxito. No empolgação do principal papel masculino interpreta-o Rafael Marques. A numerosa, ampliada com duas excelentes artistas: a talentosa atriz Palmira Torres, que se tem salientado numa longa série de criações teatrais, e a gentil atriz Ufelia Brochado, cuja carreira foi brilhantemente iniciada.

As duas artistas tomam também parte no desempenho de «Os milhões do criminoso».

E' a 30 do corrente, no Ginnásio, a récita do secretário Mário Mendes Mascarenhas, com um atraentíssimo espectáculo.

Alem doutrina, peça, também de sucesso, irá à scena «O presidiário», género «Grand-Guignol» original do dr. A. Pinto de Almeida, desempenhando nessa obra o actor Gil Ferreira um papel intensamente dramático.

Reclames

A Sociedade Elegante dá hoje arendez-vous no Ginnásio na récita da moda que lhe é dedicada e admiramos Palmira Bastos na encantadora «Chouquette» da espirotoisíssima comédia «O Az» e em que se salientam Antónia Mendes, Gil Ferreira, Alegria e Albuquerque, mantendo o auditório em permanente gargalhada.

E' hoje, no Apolo, a última representação, definitiva, da peça de grande espectáculo «O Mártir do Calvário», que acompanha os mais trágicos e sensacionais episódios da vida de Cristo.

Está despertando geral curiosidade a inauguração do teatro Variedades, do «Avenida Parque», cuja abertura se realizará em maio, com a revista «Pó de Arroz».

Em duas sessões repete-se hoje no Maria Vitória o «Foot-Ball», com as 46 girls Robertson's.

Exibe-se hoje, no Chiado Terrace, pela última vez, a 1.ª jornada, 12 partes, (A morte de Sifredro) do maior assombro cinematográfico da actualidade «Os nibelungos», magistral interpretação do grande actor Pablo Richter, e a comédia em 2 partes, «Um hospede e perras». Amanhã 2.ª e última jornada de «Os nibelungos». Sexta-feira «Os olhos da alma».

Torneio internacional de luta

Com a participação de um formidável núcleo de lutadores com nome consagrado em todo o mundo, inicia-se no próximo sábado no Coliseu dos Recreios um grande torneio internacional de luta greco-romana, o mais clássico e o mais emocionante dos desportos de combate, quando em presença se acham atletas do valor daqueles que agora vão defrontar-se no «ring» do Coliseu.

Para a participação dos atletas portugueses está aberta uma inscrição especial, com três valiosos prémios para os lutadores nacionais que obtenham alguma das três primeiras classificações do torneio. Esses prémios são: vinte e cinco contos ao primeiro, dez contos ao segundo e cinco cont



MARCO POSTAL

Gouveia.—Associação dos Manufato-  
res de Tecidos.—Recebemos 28500. Assina-  
tura paga até fim de Abril.  
Beja.—Armando Jesus Silva.—Recebe-  
mos 20500. Dos 14550 ultimamente envia-  
dos, pagou Diário, Suplemento e «Renova-  
ção» do mês de Dezembro, p.p. que são  
12350. Ficaram a seu favor 2500 que junto  
aos 20500 agora enviados perfaz 22500 que  
paga Diário e Suplemento de Janeiro e Fe-  
vereiro e «Renovação» só de Janeiro.

AGENDA

CALENDARIO DE ABRIL

D.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	12	19	26		Aparece às 5,54
T.	13	20	27		Desaparece às 19,18
Q.	14	21	28		INACESSA
Q.	15	22	29		1.ª C. dia 25 às 9,17
S.	16	23	30		2.ª C. dia 25 às 10,20
S.	17	24			3.ª C. dia 25 às 11,26
S.	18	25			4.ª C. dia 25 às 12,33

MARES DE HOJE

Pratamar às 8,43 e às 9,26  
Baixamar às 1,34 e às 2,13

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	—	—
Madrid, cheque	2883	—
Paris, cheque	366,5	—
Suica, cheque	357,75	—
Bruxelas, cheque	373	—
New-York, cheque	19355	—
Amsterdã, cheque	7584	—
Itália, cheque	579	—
Brasil, cheque	2875	—
Praga, cheque	558,5	—
Suécia, cheque	5524	—
Austria, cheque	2576	—
Berlim, cheque	4567	—

ESPECTACULOS

TEATROS  
Nacional.—As 21.—A dança da meia noite.  
São Luiz.—As 21.—Roma galante.  
Trindade.—As 21,15.—O Príncipe João.  
Ginásio.—As 21,30.—O Azar.  
Politeama.—As 21,30.—Olimpo.  
Teatro.—As 21,15.—O Pão de Ló.  
Marta Vitoria.—As 20,30 e 21,30.—Foot-Ball.  
Hípica.—As 21,15.—O Mar do Calvário.  
Coliseu das Recreios.—As 21.—Raymond.  
Santo Toy.—As 9,15.—Variedades.  
Cinema El Vicente (à Graça).—Especiais às 3,45  
e 7,15.—Sábados e domingos com ematines.  
Teatro Parque.—Todas as noites. Concertos e di-  
versões.  
CINEMAS  
Tivoli.—Olimpia.—Central.—Condes.—Chitão Ter-  
reza.—Ideal.—Arco Bandeira.—Promotora.—Esperança.  
Tortoise.—Cine Paris.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

HORARIO DOS COMBOIOS

4.º Aditamento ao Cartaz-horário D. 173  
Serviço de tramways entre Lisboa, Sacavem, Vila Franca, Carregado e Azambuja  
Desde 19 do corrente os comboios tram-  
ways n.ºs 1413 e 1420 terão a sua marcha  
modificada como a seguir se indica:

Comboio n.º 1413-Tramway, 1.ª, 2.ª e 3.ª classes.—Lisboa Rocio, (Partida) 15,05; Campolide, 15,13; Sete-Rios, (ap) 15,16; Laranjeiras, (ap) 15,18; Rego, (ap) 15,21; Entre-Campos, (ap) 15,24; Arriero, (ap) 15,26; Chelas, (ap) 15,29; Marvila, (ap) 15,31; Braço de Prata, 15,34; Cabo Ruivo, (ap) 15,37; Olivais, 15,41; Sacavem, 15,46; Santa Iria, (ap) 15,54; Povoia, 15,59; Alverca, 16,06; Alhandra, 16,17; Vila Franca, (Chegada) 16,23.  
Comboio n.º 1420-Tramway, 1.ª, 2.ª e 3.ª classes.—Vila Franca, (Partida) 16,38; Alhandra, 16,45; Alverca, 16,52; Povoia, 16,59; Santa Iria, (ap) 17,03; Sacavem, 17,14; Olivais, 17,19; Cabo Ruivo, (ap) 17,22; Braço de Prata, 17,25; Marvila, (ap) 17,27; Chelas, (ap) 17,31; Arriero, (ap) 17,34; Entre-Campos, (ap) 17,38; Rego, (ap) 17,40; Laranjeiras, (ap) 17,42; Sete-Rios, (ap) 17,44; Campolide, 17,46; Lisboa Rocio, (Chegada) 17,52.

Lê o Suplemento de A BATALHA

Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA  
1 volume de 400 paginas 15\$00  
Pelo correio 16\$50.  
Pedidos à administração de «A Batalha»

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 93  
Telefone N. 5353  
Medicina: coração e pulmões—Dr. Armando  
Nogueira—4 horas.  
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilas-  
Boas—4 horas.  
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães  
—4 horas.  
Fele e estômago—Dr. Correia Figueiredo—4  
e 5 horas.  
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R.  
Gouveia—4 horas.  
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—  
4 horas.  
Ginecologia, partos e partos—Dr. Mário Oll-  
veira—4 horas.  
Estomatologia—Dr. Mendes Belo—  
4 horas.  
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—  
4 horas.  
Doenças das crianças—Dr. Filipe Mauso—  
4 horas.  
Tratamento de diabete—Dr. Ernesto Ro-  
drigues—4 horas.  
Ecce e dentis—Dr. Armando Lima—10 h.  
Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4  
horas.  
Rio X—Dr. Alen Saldanha—4 horas.  
Análises—Dr. Gabriela Beato—4 horas.

“METAL AUER”  
PARA ISQUEIROS  
VENDEM-SE NO LATA, DO LARGO  
DO CONDE BARÃO, 55  
Duzia \$40; 100, 2\$80; mil, 25\$00  
Pedra grande, duzia, \$80.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora . . . . . 50\$33  
Sapatos em verniz . . . . . 38\$93  
Botas pretas (grande saldo) . . . . . 48\$33  
Botas brancas (saldo) . . . . . 28\$93  
Grande saldo de botas pretas . . . . . 58\$33  
Estatos de cor para homem . . . . . 48\$33

“HERPETOL”  
—) Dá um (—  
Alívio instantâneo



SOFRE DE COMIÇÃO O provocado pelo ECZEMA  
e outras DOENÇAS DE PELLE A aplicação de uma  
camada de HERPETOL fará desaparecer rapidamente  
a comição.  
O HERPETOL CURA. A atestação tem os in-  
úmeros médicos reconhecido, que tem realizado CURAS  
MARAVILHOSAS. A acção do HERPETOL é  
muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes  
que se encontram nos tecidos, os quais são a causa  
de todo o mal. É de um maravilhoso efeito para  
limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MOR-  
DEGURAS DE INSECTOS, ECZEMAS, HUMIDO E  
SECO E CROSTOS DURA.  
Não hesite e compre um frasco de HERPETOL o  
melhor remédio que até hoje apareceu.  
A venda nas principais farmácias e nos depósitos,  
em Lisboa, Rua da Prata, 27, 2.º.

LIMAS NACIONAIS

UNIAO  
MARCAS REGISTRADAS  
União Tóme Pereira, Ltd., (Incorporated in England)  
Experimentem, pois, as nossas limas que  
encontram a venda em todos os pontos comerciais  
e cimentos de ferragens para

A BATALHA

Auto protector para evitar a infecção

de todas as doenças venereas, Blenorragia, cancro e todas as doenças sifilíticas, usem:  
remédio alemão duma eficacia garantida usado por todas as pessoas que não queiram apanhar  
estas doenças.  
Cada bapisa com as instruções de usar custa em Lisboa, 7\$00, o com embalagem de alumínio,  
Esc. \$650. Para a provincia mais 1\$00 de despesa. Envia-se a cobrança, pelo correio.  
A venda em Lisboa: STANTON CUNHA, na Rua da Escola Politécnica, 16 e 18—Telefone Norte 4006  
A venda no Porto: STANTON CUNHA, na Rua da Escola Politécnica, 16 e 18—Telefone Norte 4006

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSIVEL AOS RICOS

A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhado-  
ras têm o dever de preferir o  
taxis “Citroën” (palhinha ama-  
rela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528  
Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

SALVADOR BARATA, L. DA

Fabricantes dos Alvaides marca “GAIVOTA” e únicos depositários do  
“PÓ RODRIGUES”  
No Porto—Sociedade Produtos Quí-  
micos, Lda—R. St. de Janeiro, 171, 1.º  
Ilhas—JOSE GOES FERREIRA  
FUNCHAL  
O melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS,  
BARATAS, FORMIGAS, etc.  
em todas as DROGARIAS, MERCER-  
IAS e lojas de FERRAGENS

REBUÇADOS PEITORAIS

Dr. Centazzi  
Os melhores para a tosse,  
catarrhos e bronquites.  
Livres de essências artificiais  
Cuidado com as imitações  
Pedir em toda a parte  
Nas casas que mereçam confiança para  
evitar misturas de outros rebuçados,  
com o papel imitando o nosso.

Alfaiataria do Carmo

David da Costa Relvas  
Calçada do Carmo, 50—LISBOA  
Fatos e Sobretudo para homens e senho-  
ras, de boas fazendas e a preços baratissi-  
mos. Fazem-se com perfeição e elegancia.  
Aceitam-se fatos a feitura.

Desejam vender ou comprar ouro,  
prata ou joias?  
Prefiram as ourivesarias da firma  
Morais & Gama  
Rua da Betesga, 16  
— E —  
Ourivesaria da Estefânia

na Rua Pascoal de Melo, 132  
onde, por preços com que ninguém pode  
competir, poderão comprar ou vender  
nas melhores condições de garantia.

Camisas para homem

Grande sortimento  
A única casa que vende por estes preços  
CAMISAS em bom pano branco crepe/lho cor  
a 2\$90; Ditas em percal francês 2\$ col. 2\$50;  
Ditas em cretonne alaciano 2\$ col. 2\$50; Ditas  
em zebr inglês 2\$ col. 3\$40; Ditas em Po-  
line branco e creme 2\$ col. 3\$50; Ditas em  
Popeline superior, cores limas, 4\$90.  
Fábrica Paris-R. do Norte, 83, 1.º

PRODUTOS ZÉDOL

Enviam-se catálogos grátis, ocultos  
Pílulas virilgênicas, o melhor  
preparado para a fraquesa genital.  
Pílulas Hemofilas, regularizador  
das menstruações.  
Ovaragina, o melhor preparado  
para as dores que acompanham a mens-  
truação, de efeitos garantidos.  
Pedidos ao depositário ANTONIO SILVA  
Calçada de Santo André, 16

CONSULTAS MEDICAS PARA AS CLASSES POBRES

Todos os dias, às 7 horas da tarde  
FARMÁCIA SIMÕES  
Rua Infante D. Henrique, 54  
(a São Tomé)

Baixa de Preços

Calçado, fatos, fazendas, chapéus, mobi-  
lias, relógios e novidades de verão, só na  
acreditada casa de vendas  
A PRESTAÇÕES, sem fiador  
Rua António Pedro, 52

Serviço de livreria de A BATALHA

FOLHETOS  
Eliseu Reclus.—Anarquia e a igreja  
Gonçalves Correia.—A Felicidade de  
todos os seres na Sociedade  
Futura . . . . . \$50  
José Prati.—A burguezia e o prole-  
tariado . . . . . \$50  
A necessidade da Associação . . . . . \$50  
Content.—Contra o confusãoismo,  
Alfredo Neves Dias.—Razão (noe-  
to social) . . . . . \$50  
Landauer.—Social Democracia . . . . . \$50  
R. Melo.—O principio do fim . . . . . \$50  
A. Macquarie o proletariado . . . . . \$50  
J. Most.—Peste religiosa . . . . . \$50  
J. Rio  
Trovas da noite . . . . . \$100  
Definições sociais . . . . . \$50  
O Cavador (teatro) . . . . . \$100  
Horas anarquicas (versos) . . . . . \$50  
Carnet de Pensamento . . . . . \$20  
J. Bakunine.—No sentido em que so-  
mos anarquista . . . . . \$50  
Chueca.—Como não ser anarquista . . . . . \$50  
B. Lazare.—A Liberdade . . . . . \$50  
J. Etrovan.—A minha defesa . . . . . \$50  
Kropotkine  
A mocidade . . . . . \$50  
Os bastidores da guerra . . . . . \$50  
Mortal anarquista . . . . . \$50  
O espirito revolucionário . . . . . \$50  
J. Guedes.—Lei dos Salários . . . . . \$50  
Briand.—A greve geral . . . . . \$50  
Roland.—Rusia Nova . . . . . \$50  
O O sindicalismo e o intelectualista  
D. Carvalho.—A gestão sindical no  
periodo revolucionário . . . . . \$50  
A. Hamon.—A crise do socialismo  
J. Santos.—A transformação da  
sociedade . . . . . \$50  
Neno Vasco  
Georgicas . . . . . \$30  
Greve de inquilinos, teatro . . . . . \$100  
Domela.—Pátria e Humanidade . . . . . \$30  
Proletariado Histórico . . . . . \$100  
G. Archinoet.—A Revolução e o  
Sindicalismo . . . . . \$50  
Carlos Rates.—Aditadura do prole-  
tariado . . . . . \$100  
Emilio Chapelier.—Porque não  
creio em Deus . . . . . \$100  
N. Lenine.—A luta pelo pão . . . . . \$50  
Rodolfo Rocker.—O sindicalismo  
revol. e a organização operária  
Trotsky.—Constituição politica da  
República dos Sovietes . . . . . \$50  
G. Williams.—O Congresso da  
Internacional Sindical Verme-  
lha . . . . . \$50  
C. de G. O. N. M.—Procriação  
consciente . . . . . \$50  
José Torralvo.—La Revolution  
Lélio O. Zeno.—Problemas uni-  
versitários . . . . . \$200  
La Revista Blanca.—Arte, Scien-  
cia e Literatura. Cada número.  
A CURA DAS DOENÇAS PELAS  
PLANTAS, livro útil ás boas donas de  
casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.  
Pedidos à administração de A Batalha.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 29 desta revista  
intitula Maternidad, de Federica Mont-  
seny.—Preço, \$50.—Pedidos à adminis-  
tração de A Batalha.

UMA REVOLUÇÃO

A firma Saraiva de Aguiar & Lopes Limit.,  
com alfaiataria na rua da Rosa, 79-81, acaba  
de receber um grande sortido de fazendas  
nacionais e estrangeiras, com preços de-  
vidamente actualizados que lhe permite fa-  
zer fatos completos desde 25\$00.  
A quem apresentar este anúncio terá um  
abatimento de 5%  
BICICLETAS  
CHANDLER  
e RALEIGH  
Acessórios para todas  
as marcas  
Armando Crespo & C.  
118—Rua do Crucifixo—124  
LISBOA

Suplemento semanal ilustrado de “A Batalha”

Encontra-se já à venda o primeiro ano  
deste interessante semanário, devidamente  
encadernado, numa ótima capa em perca-  
lina ilustrada a cores, por Alonso, con-  
tendo um indispensável indice dos variadissi-  
mos assuntos de ordem doutrinária, literá-  
ria e artística.  
O seu preço é: 1 volume com 420  
páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e indice),  
20\$00.

Capas e indice em separado, 15\$00

Pedidos de coleções, ou envio destas  
para encadernação, à administração de A  
Batalha.

A VENDA A 9.ª SERIE

DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico, profun-  
damente ilustrado desde as primeiras  
idades do homem até as revoluções  
Francesas.

Assinatura: pelo correio cada série de 10  
tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

Edições de “A Sementeira”

Práticas neo-maltusianas . . . . . \$50  
O sentido em que somos anarquistas . . . . . \$30  
A peste religiosa . . . . . \$40  
A Liberdade . . . . . \$50  
A Internacional (música e letra) . . . . . \$30  
Pedidos à A BATALHA  
ou no Cais do Sodré, 83

“Educação Social”

Revista de pedagogia e sociologia  
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA  
Publicação mensal  
Redacção e administração—Empresa Lite-  
raria Fluminense, Limit.—R. dos Re-  
trozeiros, 125—LISBOA.  
A venda na administração de «A  
Batalha».

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba  
de editar, em folheto, o decreto 5316, de 7  
de Maio de 1919 e respectivo regulamento  
publicado no Diário do Governo de 20 de  
Maio sobre o horário de trabalho, sendo  
o seu preço avulso de \$50.  
Aos sindicatos que desejem adquirir  
quantidade far-se-há um abatimento de 50  
por cento em pacotes de 50 folhetos.  
Pedidos à administração de A BA-  
TALHA.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 29 desta revista  
intitula Maternidad, de Federica Mont-  
seny.—Preço, \$50.—Pedidos à adminis-  
tração de A Batalha.



Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao  
presidente do ministério contra as despo-  
tações.  
Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; regis-  
trado, 1\$50. Pedidos à administração de A  
Batalha.

Lê a revista gráfica RENOVACAO

alma arrependida, julgou que era dela que falavam o  
pai e o irmão.  
As feições de Odelin, assombreadas, encolerizadas,  
exprimiam indignação e despreso, e ele não pôde  
conter estas palavras murmuradas com dolorosa acentua-  
ção: Todavia, a pesar de todos esses revoltantes  
horrores, estou-lhe ligado por um laço sagrado! Oh!  
maldito seja o dia que nos aproximou! Maldita seja  
esta fatal descoberta! Mas, cumprido este último de-  
ver . . . para sempre me livre Deus da sua odiosa pre-  
sença! Escuta. E o armeiro baixou de novo a voz, e  
dirigindo-se ao filho com extrema animação, falou-lhe  
durante alguns instantes, e disse depois em voz alta:  
—Tal é o meu projecto . . .  
Ambos proseguiram na sua secreta conferência.  
Ana Bell ficou persuadida de que falavam dela, a pe-  
sar-de, alguns momentos antes, Odelin lhe manifestar  
a mais tenra indulgência.  
E a pobre rapariga em vão tentava conhecer a  
causa desta brusca mudança! Que descoberta fatal  
era esta de que Antonico acabava de fazer a exposi-  
ção ao pai, e que parecia excitar-lhe tão rápida indig-  
nação, tanta cólera? Não tinha Ana Bell feito as mais  
sinceras confissões? de que mais a poderiam acusar . . .  
Cheia duma profunda angústia, perturbou-se-lhe  
o espirito; ela sentiu-se quasi desfalecer quando viu o  
pai pegar à pressa na espada e no capacete, e prepa-  
rar-se para sair com Antonico.  
O mancebo foi à liteira buscar um grande capote  
de pano escuro com capuz escarlata, que usam ha-  
bitualmente os habitantes da Rochela, ajudou o pai a  
vestir este fato por cima da armadura; e depois, o pai,  
sem olhar para a filha dirigiu-se precipitadamente para  
a porta, seguido pelo filho.  
Ana Bell esteve muito tempo a chorar . . . Exaurida  
as lágrimas ella encanou o futuro com sinistra  
resolução; julgava-se um ente repellido, detestado pelo  
pai e pelo irmão; abandonada por eles, um abismo  
insuperável . . . a honra . . . a separação de Frantz de  
Gerolstein.

Que lhe restava? . . . Morrer!  
Um raio de alegria lhe brilhou nos olhos verme-  
lhos de chorar, e ella disse:  
—Sim, morrer! mas morrer à vista de Frantz . . .  
morrer por elle, como o moço pagem morto há pouco  
ainda, indo apanhar o golpe que lhe viera destinado . . .  
Sem dúvida que vai recomçar o combate . . . Aqui  
estão os fatos e o cavallo do pagem que morreu . . .  
Vendo então algumas folhas de papel sobre a cha-  
miné, pegou numa pena e traçou algumas linhas.  
Depois disse, suspirando:  
—Meu pai! meu irmão! a pesar do vosso despreso  
e da vossa aversão, para vós serão os meus últimos  
pensamentos!  
Hervé Lebronn, o incestuoso que levantou contra a  
própria mãe uma mão parricida, frei Hervé o fran-  
ciscano, como lhe chamavam no exército real, merecia  
bem o nome de feroz pregador, de chefe e partidário  
implacável; os seus sermões duma feroz eloquência, as  
suas atrocidades na guerra, inspiravam aos católicos  
uma admiração fanática. Ferido e depois ferido priso-  
neiro nos ultimos combates do dia, fora conduzido bem  
amarrado, a São Yrieix, e encerrado num tenebroso  
cárcere.  
Abriu-se a porta desta prisão, e a luz duma lan-  
terna dissipou em parte as trevas deste subterrâneo.  
Frei Hervé, sentado no chão e encostado à parede,  
viu entrar um homem envolto num manto escuro, com  
capuz escarlata, ocultando-lhe completamente o rosto.  
Odelin Lebronn — era elle o visitante nocturno —  
fechou a porta, pôs a lanterna no chão, contemplou  
silenciosamente o irmão, que o não tinha reconhecido.  
Era a primeira vez que Odelin o tornava a ver, depois do  
dia em que, ainda adolescente, voltando de Itália com  
mestre Raimbaud, tinha involuntariamente assistido ao  
suplicio de sua irmã Hêna e de frei S. Ernesto Mar-  
tir . . . Também Hervé tinha assistido ao suplicio da  
irmã, em companhia de frei Girardo, seu demónio  
tentador.

Odelin Lebronn olhava com mudo horror para seu  
irmão prisioneiro. A lanterna, posta no chão, projec-  
tava a sua viva luz, entrecortada de sombras negras,  
sobre o rôsto cadavérico, descarnado, de frei Hervé.  
A larga testa, calva, macilenta, suja, estava meia  
escondida por uma larga atadura de pano ensanguen-  
tado; desta ferida tinha corrido muito sangue, que em  
parte tinha coalhado nas faces magrissimas, indo o  
resto secar-lhe na espessa barba. O hábito, castanho,  
velho, remendado em muitos lugares, tem a cintura  
uma corda de que prende um rosário de balas de  
arcabuz, terminando por uma pequena cruz de chumbo.  
Esporas de ferro, enferrujadas, estão presas por  
correias de couro ás sandálias que o frade traz nos pés  
sujos e negros.  
Frei Hervé, que não pode distinguir o rôsto do  
irmão, occulto sob o capuz do manto, volta lenta-  
mente a cabeça para elle, com uma expressão de som-  
bro desdem, ajoelha e diz com voz cavernosa:  
—E' a morte? . . . estou pronto . . .  
O franciscano, inclinando então a fronte, e erguen-  
do as mãos amarradas para a abóboda do cárcere,  
murmura em voz baixa a fúnebre oração dos agoni-  
santes.  
Odelin deitou o capuz para traz, pegou na lanterna  
ergueu-a de forma que se lhe pudesse distinguir bem  
as feições, e disse, com um tom que traduzia a mais  
profunda emoção:  
—Meu irmão! eu sou Odelin Lebronn!  
Frei Hervé, sempre de joelhos, levanta a cabeça,  
olha durante alguns instantes para o irmão, investiga  
as suas feições, reconhece-o e um clarão de ódio lhe  
ilumina o olhar perverso . . . um infernal sorriso lhe  
enxuga os lábios lívidos, e exclama:  
—E' Deus que te envia! vou lançar as verdades à  
tua cara de renegado . . . Apostata! . . . Oh! quem me  
dera que teu pai estivesse aqui . . .  
—Respeita a sua memória . . . nosso pai morreu!  
—Na impenitência . . .  
—Na sua fé!

—Morreu condenado! replicou Hervé com feroz  
alegria. Condenado para sempre! esse maldito corrup-  
tor da minha infância! esse leproso da heresia! pôde  
de pestilencial morreu condenado, como a mulher! Eu  
sempre assim esperei, Senhor Deus! Tu assim o qui-  
seste, na tua justa cólera . . . Queimá-los há duplicada-  
mente o fogo do inferno! verão eternamente, face a  
face deante deles, a filha que eles deitaram a perder,  
condenada como eles, contorcer-se no meio das cha-  
mas eternas!  
—Não pronuncies o nome de nossa irmã . . . pobre  
martir! nem de nossa mãe, miseravel fanático, autor  
de todas as suas desgraças!  
—Nossa mãe, nosso pai, nossa irmã! exclamou o  
frade com uma gargalhada sarcástica. Este renegado  
ainda ousa falar de laços quebrados para sempre, e  
para sempre detestados! . . . Homem . . . o meu único  
pai é o vigário de Cristo . . . minha mãe é a Igreja . . .  
os meus irmãos são os católicos . . . Agora esta fami-  
lia santa . . . santa, três vezes santa! . . . tudo o mais  
são animais ferozes encarniçados na sua fúria de fazer  
em pedaços o sagrado corpo da santa madre Igreja . . .  
E a esses, eu mato-os, degolo-os, imolo-os ao Deus  
vingador! . . . Ah! porque me não caíste tu, como os  
outros sob o meu pesado crucifixo de ferro, abenço-  
do pelo padre santo! que mais belo holocausto posso  
eu oferecer à cólera implacável do Senhor! dizer-lhe  
como Abrahão sobre a montanha: «Senhor! que o va-  
por deste sangue suba até a ti, duplamente expiató-  
rio . . . este sangue é o meu! é o da minha raça!»  
—Sangue . . . sempre sangue! disse Odelin, tre-  
mendo de horror. O sangue embriagou-vos; estais,  
como os outros padres, atacado de fanatismo selva-  
gem e estúpido . . . uma loucura sanguinária vos des-  
vaira o espirito. Sinto por vós a piedade que me ins-  
pira um louco furioso . . . Vós caístes, após uma resis-  
tência desesperada, em poder de uns poucos de cavaleiros  
protestantes. Um deles, meu filho, reconheceu-vos,  
graças à lúgubre fama do vosso nome. Os seus com-  
panheiros queriam matar-vos ali mesmo, mas meu





## Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas

Parecer da Comissão Organizadora sobre as bases da Federação das Juventudes Sindicalistas

Presados camaradas: Apreciando as bases orgânicas porque se tem regido a Federação das Juventudes Sindicalistas, desde o 1.º Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas até à data, verifico a Comissão Organizadora do II Congresso que estas não necessitam duma profunda remodelação na sua estrutura, porquanto no decorrer da vida da Federação, de então até hoje, ainda não se constatou que elas tivessem quaisquer deficiências de importância.

Verificamos, no entanto, que é dispensável um número tão elevado de membros do Comité Federal, podendo este reduzir-se a 9, como explicamos: O secretário geral é, a nosso ver, o elemento que, representando a Federação, deve estar em contacto permanente, por correspondência, com todos os núcleos. Para o substituir na sua ausência ou impedimento do desempenho das suas funções, deve haver um secretário adjunto, unicamente. Não compreendemos a necessidade de dois secretários adjuntos, um para cada uma das zonas—Norte e Sul—para desempenhar as funções que observamos serem da competência do secretário geral. Verifica-se portanto a desnecessidade de dois secretários adjuntos. O vogal, cargo certamente criado, mais para elevar a número impar os membros do Comité do que por necessidade de organização, deve também desaparecer. E' desta forma, mais fácil, por menor número, a constituição do Comité, dada a falta de elementos necessários para esse efeito, o que não prejudicará tanto a vida do núcleo que tenha de fornecer os elementos para essa constituição.

Outrossim os núcleos das juventudes sindicalistas da região portuguesa, devem, em nosso critério, ser aderentes à Federação por um princípio revolucionário, por conveniência de acção geral a realizar em toda a região; não, porém, com a condição de se regerem por bases orgânicas tipo-único, pois deve ser dada a cada um a faculdade de se reger por bases orgânicas elaboradas segundo as conveniências verificadas para atender às condições próprias da localidade onde tem a sua sede, devendo todos os núcleos serem uniformes unicamente em matéria de princípios e finalidade.

Também no decorrer dos últimos anos da vida, isto é, da acção da Federação das Juventudes Sindicalistas, tivemos ensino de verificar a insuficiência da verba com que cada núcleo contribui semanalmente e por associado efectivo para o fundo federal. Tal facto, que é acrescido pela demora, senão pela falta, por vezes, do pagamento de essa verba, tem impedido que uma boa acção seja desenvolvida pela Federação. Por isso propomos ao II Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas, o aumento de essa contribuição semanal, por filiados efectivos, para \$30, que dentro do fundo federal, deverá, a nosso ver, ser assim divididos:

- \$15 para a Caixa de Solidariedade;
- \$7,5 para expediente e acção geral da Federação;
- \$7,5 para publicações e órgão na imprensa.

O fundo especial e secreto deve ser extinto, em concordância com o parecer do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, junto à tese deste núcleo «O jovem sindicalista na vida social», que propõe a extinção do C. D. S.

A cota que todos os núcleos deverão pagar para efeito de adesão, deve ser aumentada para 10\$00.

As alterações convenientes a alteração que apresentamos e que permite que, ao contrário do que até agora estava estabelecido, os núcleos possam, espontaneamente, por maioria, anular as resoluções do Conselho Federal, quando estas sejam mal tomadas pelos delegados ao mesmo, como poderá suceder quando, como se dá na maioria das vezes, senão sempre, pela quase totalidade dos delegados, estas resoluções são tomadas sem consulta prévia aos núcleos, embora por vezes aquelas possam representar bastante importância.

Introduzimos também um novo artigo nas bases orgânicas—o que apresentamos como número 22.—por nos parecer conveniente para efeitos duma vida regular da Federação.

Pequenas outras alterações vos apresentamos, que por serem de tão diminuta importância não justificamos detalhadamente por desnecessário.

Terminando, apresentamos-vos a seguir as bases orgânicas com as alterações e introduções constantes deste parecer:

### Bases Orgânicas

#### CAPÍTULO I

##### Fins e meios

Artigo 1.º—Pelo I Congresso das Juventudes Sindicalistas, reunido clandestinamente em Lisboa, em Janeiro de 1921, é criada em Portugal e com sede em Lisboa, uma Federação dos Núcleos das Juventudes Sindicalistas, que se denominará «Federação das Juventudes Sindicalistas da Região Portuguesa» e que terá a seguinte missão:

- a) Estabelecer um estreito contacto entre todos os núcleos das Juventudes Sindicalistas desta região, no sentido de uniformizar a sua acção;
- b) Promover a criação de Núcleos de Juventude Sindicalista em todas as localidades do país;
- c) Velar pelo bom funcionamento dos Núcleos de Juventude Sindicalista e cumprimento da sua missão;
- d) Tratar junto da organização operária do auxílio moral e material a prestar aos núcleos;
- e) Manutenção dum órgão das Juventudes Sindicalistas na imprensa;
- f) Edição metódica de folhetos de propaganda e educação social e revolucionária;
- g) Exercer toda a acção e propaganda de carácter geral.

Artigo 2.º—Reside a soberania deste organismo no seu Conselho Federal, que será formado, por delegados directos e indirectos dos núcleos aderentes e que funcionará segundo as prescrições do Capítulo II.

Artigo 3.º—Para execução das deliberações do Conselho Federal existirá o Comité Federal, que funcionará segundo o indicado no Capítulo III.

#### CAPÍTULO II

##### Do Conselho Federal

Art. 4.º O Conselho Federal será formado por três delegados directos ou indirectos por cada núcleo aderente e mais um delegado por cada três secções do mesmo, quando as tenha.

Art. 5.º Para bom funcionamento dos trabalhos do Conselho Federal, serão nomeados pelo mesmo, dois secretários que terão a seu cargo a confecção das actas, convocação de reuniões, correspondência, etc.

Art. 6.º Os delegados ao Conselho Federal devem estar em assíduo contacto com os núcleos que representam, a fim de bem interpretar a vontade dos mesmos nas suas reuniões.

Art. 7.º Os delegados não devem faltar mais de duas vezes seguidas às reuniões do Conselho Federal, sem motivo justificado, devendo os respectivos secretários, desde que tal facto se dê oficiar aos núcleos que eles representam, no sentido de serem nomeados outros delegados mais cumpridores dos seus deveres.

Art. 8.º Este Conselho é soberano nas suas resoluções, não podendo dentro da Federação das Juventudes Sindicalistas da Região Portuguesa, qualquer entidade, antepor-se a elas, salvo quando o resultado dum referendo provocado por essas mesmas resoluções determine o contrário.

Art. 9.º Quando se trate de casos de reconhecida responsabilidade, os secretários do Conselho devem informar os delegados com 30 dias de antecedência, a fim dos mesmos consultarem os núcleos que representam. Nestas mesmas condições, deve, de preferência, ser realizado um referendo aos núcleos, apresentado pelo Comité.

Art. 10.º Ficam exceptuados deste artigo os casos de reconhecida urgência e portanto de inadiável resolução.

Art. 11.º As reuniões ordinárias do Conselho Federal efectuar-se-ão mensalmente e as reuniões extraordinárias, todas as vezes que se julgar necessário.

Art. 12.º Tem competência para convocar extraordinariamente o Conselho Federal, os seus secretários e o Comité Federal.

#### CAPÍTULO III

##### Do Comité Federal

Art. 11.º O Comité Federal será nomeado pelo Congresso das Juventudes Sindicalistas, terminando o seu mandato no Congresso ordinário seguinte.

Art. 12.º Em caso de necessidade e conveniência, o Conselho Federal tem atribuições para demitir e nomear, parcial ou totalmente o Comité Federal, sendo depois comunicado aos núcleos aderentes, em circular, os motivos de tal deliberação.

Art. 13.º O Comité Federal compor-se-á de nove membros, divididos pelos seguintes cargos: Secretário geral, secretário adjunto, secretário administrativo, tesoureiro, secretário de relações internacionais, secretário administrativo do órgão na imprensa, secretário redactor do mesmo, secretário de actas e secretário da Caixa de Solidariedade.

Art. 14.º O secretário geral compete assinar todos os documentos e correspondência de carácter geral, representar a Federação das Juventudes Sindicalistas em todos os actos em que seja necessário e velar pelo bom funcionamento da mesma; o secretário adjunto compete ajudar o secretário geral e substituí-lo na sua falta; o secretário administrativo compete administrar todos os bens da Federação e prover ao bom funcionamento dos serviços administrativos da mesma; ao tesoureiro compete guardar todas as receitas da Federação e do dispor delas mediante recibo assinado pelo secretário dos serviços a que se destinam as mesmas; ao secretário de Relações Internacionais compete tratar de toda a correspondência e ligação internacional; ao secretário administrativo do órgão na imprensa compete tratar de todos os assuntos que dizem respeito à administração do mesmo; ao secretário redactor do órgão na imprensa compete tratar de todos os assuntos referentes à redacção do mesmo, edição de folhetos, etc., ao secretário de actas compete fazer as actas dos trabalhos do Comité e auxiliar qualquer outro secretário nas suas funções quando necessário e ao secretário da Caixa de Solidariedade compete tratar de todos os assuntos respeitantes à Caixa.

Art. 15.º Será nomeado também um representante do Comité no Norte, com residência no Porto, que deverá proceder de acordo com o mesmo Comité.

Art. 16.º Sendo necessários mais auxiliares para qualquer dos serviços dependentes do Comité, serão estes agregados por nomeação do Conselho Federal, não fazendo no entanto parte do mesmo Comité para efeitos deliberativos.

Art. 17.º O Comité é responsável perante o Congresso das Juventudes Sindicalistas e na impossibilidade deste, perante o Conselho Federal, devendo neste caso observar-se o preceituado no capítulo II, artigo 9.º

Art. 18.º O Comité Federal reunirá ordinariamente de 8 em 8 dias.

#### CAPÍTULO IV

##### Do Núcleo e sua adesão

Art. 16.º Devem ser aderentes à Federação das Juventudes Sindicalistas todos os núcleos da Região Portuguesa, por conveniência da acção geral a realizar em toda a região.

Art. 17.º Os núcleos no acto da sua adesão à Federação das Juventudes Sindicalistas, pagarão a importância de 10\$00 escudos, como cota de adesão primária, e por semana e associado efectivo, \$30, cuja importância, dentro do fundo federal, será assim dividida:

- a) \$15 para a Caixa de Solidariedade
- b) \$7,5 para expediente e acção geral da Federação;
- c) \$7,5 para publicações e órgão na imprensa.

Art. 18.º A importância da cota primária de adesão à Federação, entrará no fundo para expediente e acção geral da mesma.

Art. 19.º Os núcleos aderentes à Federação devem procurar cumprir as resoluções tomadas no Conselho Federal da mesma Federação, salvo quando a maioria destes resolver em contrário, em virtude dessas resoluções terem sido mal tomadas sem

## Os foreiros de Siborro ameaçados pela ganância dum proprietário

SIBORRO, 18.—A herdade de Vale de Figueiras foi em 1914 aforada pelo seu proprietário Joaquim Inácio, por entender que neste regime ela lhe assegurava um lucro muito maior. Os trabalhadores do campo que são sempre vilmente explorados pelos lavradores, quer no seu trabalho, quer na sua habitação, aproveitaram sempre a ocasião que lhes permitia, por meio dum bocadito de terra aforada, verem-se livres dos vampiros da lavoura.

Surgiu a lei 1640 e o senhorio Joaquim Inácio caiu logo, impiedosamente, sobre os foreiros e exigiu que eles pagassem 10 vezes mais do que fora determinado nas suas escrituras. Os foreiros recusaram-se a satisfazer esta iníqua exigência.

O proprietário começou por perseguir Custódio Martim, supondo que este por ser um pobre velho de 74 anos, se curvaria às suas exigências. Mas, esqueceu-se de que ele tinha filhos e estes, por sua vez, resistiram galhardamente a todas as violências.

Joaquim Inácio levou a questão para o poder judicial para que o foro seja vendido em hasta pública. E entrou, ao mesmo tempo, no caminho das violências, tendo chegado a arrombar o armazém dos géneros alimentícios.

Por fim o proprietário recorreu a um truiz vendendo o que não era dele ao sr. Alfredo Cunha. Então começaram a mandar gado para os foros, mas os foreiros uniram-se todos e repeliram esta invasão e outras que se lhe sucederam.

A actual vereação municipal antes de ser eleita prometeu tratar da questão dos foros, mas desinteressou-se completamente do assunto, limitando-se a receber dinheiro do proprietário Joaquim Inácio. E' bom que os foreiros saibam que os políticos, por mais avançados que se afirmem, são sempre inimigos declarados das classes trabalhadoras e que estas só têm como único recurso, para a defesa dos seus interesses, a sua congregação em torno dos sindicatos.

#### O SINDICALISMO EM MARCHA

## Reorganiza-se o Sindicato dos Manipuladores de Pão de Póvoa de Varzim

POVOA DE VARZIM, 15.—Os operários manipuladores de pão desta vila parecem estar despertando da indiferença que os levou a abandonar por completo o seu sindicato profissional, erro que agora estão reconhecendo, porque alguns industriais conhecendo-lhes a sua desorganização têm tentado suprimir-lhes algumas regalias, como o descanso semanal. Mas os operários manipuladores de pão, reconhecendo que sem organização sindical não podem defender as suas regalias, resolveram reorganizar o seu sindicato, tendo reunido na última segunda-feira para tal fim e resolveram votar a reorganização do sindicato. Na próxima segunda-feira voltam a reunir para procederem à nomeação dos corpos gerentes e outros assuntos necessários à vida do novo organismo. O xalá que venha a ter longa vida e muita acção no campo revolucionário. Não seria desafortunado os restantes sindicatos congêneres do país estabelecerem correspondência com este novo sindicato, entusiasmando os seus componentes a prosseguir na sua resolução.—C.

## Porque motivo?

O sr. Charula, administrador e inspector geral das prisões, venceu a indolência, a que estão sujeitas todas as pessoas altamente colocadas nos cargos públicos, e veio de longa distância ao Forte de Monsanto, facto que julgamos ser digno de registo dada a sua raridade. Ao tornar-se de novo na bela disposição de receber os presos que lhe comunicassem a necessidade de lhe falarem. Porém, tal não sucedeu. Só Carlos Bacelar, preso no sector C sob a acusação de fabricar cédulas para a lendária «Legião Vermelha», encontrou a maior felicidade de o conseguir. Os demais presos não foram recebidos pelo senhor inspector que se mostrou muito enfastado por ser conhecido a sua presença nesta cadeia e... retirou-se. Pouco depois era Carlos Bacelar transferido para a cadeia do Limoeiro. Justíssimo. Na qualidade de preso preventivo e entregue a tribunal nunca Bacelar, ou qualquer preso nas suas condições, deveria, em respeito pela lei, ingressar no Forte de Monsanto, destinado a presos condenados. Logo, a transferência de Bacelar é simplesmente uma reparação devida. Reparação que julgamos deveria ser extensiva a todos os presos do sector C, pois, que estão em condições idênticas. Engano! O sr. Charula voltou novamente ao Forte de Monsanto e ao ser abordado por alguns presos sobre a transferência declarou-lhes que nenhum preso do sector C sairia dele para qualquer outra prisão, nem mesmo para trabalhar nas oficinas da mesma cadeia!

Então Carlos Bacelar, particular dum todo a que a polícia entendeu chamar «os legião-moço» e os restantes presos não?

Porque motivo?

consulta aos núcleos, pelos respectivos delegados.

Art. 19.º Qualquer núcleo só poderá ser irradiado da Federação por um Congresso ou referendo aos núcleos.

Art. 20.º O Conselho Federal suspende qualquer núcleo até um Congresso, devendo observar-se as disposições do artigo 9.º

#### CAPÍTULO V

##### Disposições Gerais

Art. 20.º Só poderão fazer parte do Conselho Federal, como delegados directos ou indirectos, camaradas socios efectivos dum núcleo.

Art. 21.º O Comité Federal apresentará na realização de cada Congresso ordinário, um relatório do seu movimento financeiro e social.

Art. 22.º O Comité Federal apresentará semestralmente ao Conselho um relatório financeiro e social, para efeitos duma vida regular da Federação.

Art. 23.º O Congresso da Mocidade Sindicalista reunirá ordinariamente de dois em dois anos e extraordinariamente todas as vezes que se julgar necessário.

#### CARTA DO PORTO

## Os padeiros continuam a defraudar o público no peso do pão

Um accionista ataca o órgão do pessoal da Carris

PORTO, 18.—A polícia tem tido uma tarefa extenuante em andar, todas as manhãs, a apreender o pão aos padeiros e às suas respectivas vendeiras. E' claro que, quando nos referimos aos padeiros, queremos aludir aos proprietários de padaria.

Estes senhores, não lhes bastando já os lucros provenientes dos lotes das farinhas, isto é, das tradicionais misturas das suas qualidades, voltaram novamente à carga sobre a defraudação do peso do pão. Estamos, portanto, num novo e interessante desafio entre os proprietários de padaria e a polícia. Quanto mais esta, numa teimosia repressiva, insiste na apreensão daquele pão que não está dentro das normas do peso legal, tanto mais os industriais de padaria se obstinam em roubar à pesagem. E com esta falta de escrúpulos dos padeiros, e com esta batida da polícia inelutável, as casas de caridade é que vão lucrando com a oferta, pelas autoridades administrativas, das centenas e centenas de pães apreendidos. Do mal, o menos.

Que os industriais de padaria, dando largas aos seus princípios capitalistas de egoística roubalheira, prossigam impetuosamente na diminuição do peso dos pães—não há que admirar, que eles, procurando desculpar as suas racionais manobras, digam que a polícia só incide, de preferência, as suas vistas para a classe padeiral, quando há outras classes mercantilistas que fazem, impune, maiores falsificações e mais largas explorações—também não é para estranhar.

O que nos causa espanto e tristeza, é que no número das casas as quais têm sido apreendidos cabazes e cabazes de pães com peso defraudado, esteja incluída a conhecida Cooperativa dos Padeiros, instituição produtora e consumidora fundadora operária. Por esta Cooperativa têm passado antigos militantes da classe dos manipuladores de pão, que hoje não estão lá, porque se aproveitaram dela para se estabelecerem. Naquela mesma Cooperativa, ainda permanecem antigos militantes e com afirmações de responsabilidade feitas em outros tempos.

Essa Cooperativa, que ainda continua a considerar-se operária, devia impor-se, se não pelo barateamento do pão em consequência de ter que ombrear com a concorrência mercantilista das outras casas industriais do género, pelo menos pela sua qualidade e pela sua lisura pesativa. Era uma questão de prolixidade profissional e moral a acreditar as funções básicas e finalistas da cooperação operária.

Nós já não tínhamos muito na acção cooperativista em relação à transformação desta sociedade de tiranos e exploradores, e, portanto, na sua eficácia lutadora contra o egoísmo capitalista. Mas olhando ao procedimento de Cooperativas como a dos padeiros, a nossa simpatia sossobra de todo. E' para lamentar esta aberração, e ainda muito mais se considerarmos que os industriais se aproveitaram delas para as suas melhores desculpas. No entanto, a cega regra das apreensões e dos desfalques do pão lá continua.

Os empregados da Companhia Carris entenderam, e muito bem, que deviam ter um órgão na imprensa para a defesa dos seus legítimos interesses e para a proliferação das injustiças de que possam ser vítimas por parte dos severianos donos dos carros eléctricos portueses.

A realização desta aspiração, com a qual já contam algumas outras corporações profissionais, não foi, porém, o agrado de alguém que se encobre com o anonimato de «Um accionista», que se encarregou do «voluntário» frete de vir para a imprensa diária fazer pirâmides de reparos ao aparecimento do 1.º número de A Voz Ferro-carril.

Sendo um impenitente lucifugo—e tanto que subtrai o seu nome à luz da publicidade—«Um accionista» não pode levar a bem que aquele «A» a mais na imprensa operária venha despedir scintilhões esclarecedoras e de rebeldia sobre o campo trabalhador onde se congregam os empregados da Carris.

Lá porque deu dinheiro para a Companhia, entende que tem o direito de proibir o pessoal de tirar um jornal visto que este só tem obrigação de trabalhar e obedecer humildemente a tudo quanto os severianos directores lhe quiserem impor.

E porque A Voz Ferro-carril principiou a sair mensalmente, «Um accionista» entende ainda que o pessoal está rico, pois tirou um órgão quando a Companhia, financeiramente descalabrada, não o pode tirar. Tadinha dela.

Na sua opinião, o pessoal devia importar-se com o dinheiro dos accionistas, com a falta de pagamento dos dividendos, com a precária situação da desgrazada Companhia do Severiano. E, em vez de gastar o seu dinheiro com o modesto jornal em alusão, devia entregá-lo à direcção do Sindicato carilhense da Boavista e... trabalhar de graça... visto que «outras classes cá de fora não têm trabalho ou ganham menos...». E' por isso que se arrelia ao ver «que muito dinheiro vai para o pessoal».

Mas como este, ao contrário dos desejos da Companhia, perdão! de um accionista—possivelmente pago por aquela para escrever distantes contra os empregados da Carris—compreende que, trabalhando, tem direito a que se lhe pague o devido; compreende que, se a Companhia está arruinada, é mercê dos infinitos tubarões, dispensáveis, que lhe devoraram toda a seiva dos seus grandiosos rendimentos; que, se as condições financeiras da Companhia se agravaram «a ponto de se despedir o pessoal», ainda é motivado por aqueles severianos tubarões—deu-se ao luxo de ter um defensor, «publicando um órgão na imprensa».

Embora um accionista—não será aquele pequenissimo accionista de Oliveira do Douro?—ache bem os artigos doutorários de A Voz Ferro-carril, é de parecer, contudo, que o jornal não é para educação do pessoal, porque lá encontrou «também piadinhas a superiores, o que deve perturbar a disciplina e o respeito».

Essas piadinhas candentes são indispensá-

## Um assalto malogrado dos monárquicos ao Sindicato dos Empregados no Comércio de Faro

FARO, 18.—Reuniu na terça-feira transacta a assembleia geral do Sindicato dos Empregados no Comércio, para eleição dos corpos gerentes. Esta assembleia decorreu bastante agitada devido à presença dum grupo de empregados no comércio filiados nas Juventudes Monárquicas que a todo o transe pretenderam apoderar-se do sindicato, naturalmente para o transformar num centro talassita. Os do grupinho monárquico, revelando uma ignorância total e deprimente irromperam num discurso sem pé nem cabeça, procurando convencer o auditorio de que a C. G. T. era exclusivamente composta de bandoleiros. Foram refutadas facilmente estas calúnias e a maioria da assembleia protestou também contra a atitude dos que eram monárquicos por inconsciência. Estabeleceu-se depois grande confusão, pelo que foi suspensa a sessão para continuar na última sexta-feira.

Entretanto, o facto tornou-se conhecido da população operária que ocorreu em grande número a assistir à assembleia, tendo também a U. S. Q. enviado um delegado, a pedido dos empregados no comércio. Os jovens monárquicos escaparam-se, mas tiveram conhecimento de que estava presente um delegado da U. S. Q. Isto revela bem que os jovens talassitas estavam convencidos da falsidade das suas acusações contra a C. G. T.

Foi apresentada e aprovada por unanimidade a seguinte moção:

«Considerando que a Associação de Classe dos Empregados no Comércio de Faro foi constituída para defesa dos mesmos empregados e conquista de melhores condições de trabalho;

Considerando que esta Associação de Classe para bem desempenhar o seu papel deve manter as mais estreitas relações com as classes trabalhadoras e organizadas embora afirmando a sua independência; a assembleia resolve prosseguir na ordem da noite.»

Foi em seguida dada a palavra a João Humberto Matias, delegado da U. S. Q. que lamenta que a cobardia dos caluniosos da C. G. T. o tenha impedido de os refutar na sua frente. O orador fez a seguir uma interessante exposição sobre a Central dos organismos operários.

Nomeou-se uma comissão para tratar do descanso dominical, encerrando-se em seguida a sessão.

#### FESTAS ASSOCIATIVAS

## Associação do Operariado de Oeiras

Conforme estava anunciado, realizou-se no sábado à noite, promovida por uma comissão de operários a favor da Associação de Classe do Operariado de Oeiras, uma interessante festa no Eden de Santo Amaro de Oeiras.

O vasto salão do casino estava literalmente cheio e a festa decorreu no meio da maior animação, entusiasmo e ordem.

O programa foi literalmente cumprido. Foi a cena a peça de Jorge Teixeira «Os ladrões de luva branca», correctamente desempenhada pelo aplaudido Grupo Solidário Operário. A Academia Instrução Musical Oeirense, sob a abalizada regência de Amadeu de Moura Stofell, executou excelentes trechos de música, do qual se destacou a zarzuela «O Caramelo».

O nosso camarada de redacção Mário Domingues realizou uma conferência de carácter social.

Em seguida representou-se o entre-acto «Não creio em Deus», que foi muito aplaudido.

Depois, conforme constava do programa, organizou-se um baile que decorreu muito animado, deixando a festa toda a gente agradavelmente impressionada.

## Grémio Excursionista Civil do Monte

O Grémio Excursionista Civil do Monte festeja o seu 15.º aniversário com uma sessão solenne e sarau, para a qual estão convidados conhecidos oradores, tendo a mesma lugar no dia 25 de corrente, pelas 21 horas, na sua sede rua da Graça, 162, 1.º distribuído no mesmo dia «O Grupo 19 de Junho» constituído por socios do referido Grémio, a 103 pobres, um donativo de 5\$00 em dinheiro, a cada, pelas 14 horas.

Abrihanta este acto uma conhecida banda de música, encontrando-se a sede profusamente iluminada e embandeirada.

## A batota em Coimbra

COIMBRA, 12.—Tem as gazetas locais noticiado que do governador civil está distrito dimanaram ordens expressas de repressão da batota—esse flagelo que em Coimbra estava tomando um incremento assustador.

Decidir-se-ia, enfim, o sr. governador civil a escutar os nossos brados?

«Estarão—já te que emfim!»—S. Ex.ª, as autoridades do distrito, resolvidas a pôr cõrbo a essa desmoralização sem freio que por aí campeava, permitindo que distintos burlões levassem uma vida regalada à custa dos ingênuos e viciosos que às suas raias conseguiram atrair?

«Estarão, emfim, decididos a estirpar esse cancro que, tão assustadoramente, espalhava as suas raízes por toda esta Lusitânia?»

Terá soado a hora final para o império das alforjas do Tiro e Sport, do Montanha e quejandos?

Ter-se-ia, finalmente, extinguido o rico filão que a Empresa Garcia, Moura, Ferreira & C.ª, com tanto êxito, explorava?

Ou tudo isto não passará de fogo de vista para «bolsevistas» ver?

Informar-nos-emos e, depois, falaremos.—C.

veis, não só para os tiranos e exploradores da direcção, mas até para aqueles que, tendo sido ontem empregados rastos da Companhia e até «militantes» da classe, se tornaram agora seus perseguidores, carrascos, traidores, mediante aquelas estrelas com que o Severiano comprou os patifes. Estes, com as suas constantes perseguições, castigos, multas, trações, é que perturbam a disciplina e o respeito.

«Ou não?»

C. V. S.

## Vida Sindical

C. G. T.

### Conselho Confederal

Para continuação dos trabalhos reúne hoje pelas 21 horas o Conselho Confederal.

## Câmara Sindical do Trabalho

Não tendo reunido ontem o Conselho de Delegados, por falta de comparência dos mesmos, reuniu a Comissão Instaladora que apreciou vários trabalhos referentes à comemoração do 1.º de Maio, deliberando, por último, convocar o conselho geral para amanhã, pelas 21 horas.

#### COMUNICAÇÕES

Pessoal do município.—Comissão de melhoramentos.—Já foram entregues a todos os vereadores as circulares impressas que contém um resumo das reclamações deste sindicato.

Brevemente deve ser novamente o assunto debatido no Senado. Por isso a comissão lembra a todo o pessoal a conveniência de se assistir às sessões do Senado. Hoje a comissão fará novas «démarches», junto de outros vereadores, a fim de ir conhecendo as suas opiniões. Os entrevistados até hoje, todos se mostram concordantes em que o pessoal comece por receber o aumento aprovado em 1925.

Embora tivesse sido aprovada a proposta da minoria socialista, a comissão não deixa de trabalhar afinadamente para que a comissão executiva se não esqueça da dita proposta.

#### CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação Ferroviária.—Pelas 18 horas para continuação dos trabalhos.

Federação Ferroviária.—Comissão Executiva.—Pelas 18 horas, para continuação dos trabalhos.

S. U. da Construção Civil.—Secção Profissional dos Serventes.—Com a presença de todos os seus membros, às 21 horas, a comissão administrativa.

Impressores Tipográficos.—A direcção às 21 horas.

Manufactureiros de Calçado.—Pelas 21 horas, a assembleia geral para apreciar a situação em que a classe se encontra e resolver o caminho a seguir. Como o assunto é grave, todos os sindicados devem comparecer.

DIAS PROXIMOS:

Federação Metalúrgica.—Comissão administrativa.—Reúne amanhã, pelas 20 e meia horas.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação.—Conselho federal.—Reúne na próxima quinta-feira, pelas 20,30 horas na sede da Federação.

</